
Adolfo Bioy Casares

A
INVENCÃO
DE
MOREL

Prólogo
Jorge Luis Borges

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Adolfo Bioy Casares

A
INVENÇÃO
DE
MOREL

Prólogo
Jorge Luis Borges

Flaco

A INVENÇÃO DE MOREL



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Procc

ADOLFO BIOY CASARES

A INVENÇÃO DE MOREL

Tradução de

VERA NEVES PEDROSO

Com um prólogo de

JORGE LUÍS BORGES

Rio de Janeiro – 1986

Título original:

LA INVENCION DE MOREL

Copyright© 1953, Emecé Editores S.A.

Direitos para a língua portuguesa reservados,

com exclusividade para o Brasil, à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Visconde de Pirajá, 414 - Gr. 1405

CEP 22410 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 287-1493

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

ANA MARIA DUARTE

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Casares, Adolfo Bioy

C33i

A invenção de Morel *Adolfo Bioy Casares; com prólogo de Jorge Luís Borges; tradução de Vera Neves Pedroso. — Rio de Janeiro: Rocco, 1986.* <p>

Tradução de: La invención de Morel.

1. Literatura argentina - Novela, 1. Pedroso, Vera Neves II. Título.

86-0676

CDD-868.998203

A

JORGE LUÍS BORGES

Prólogo

Jorge Luís Borges

Por volta de 1882, Stevenson observou que os leitores britânicos desdenhavam um pouco as peripécias e achavam ser prova de grande habilidade escrever uma novela sem argumento ou com argumento infinitesimal atrofiado. José Ortega y Gasset — em *A desumanização da arte*, 1925 — trata de explicar o desdém observado por Stevenson e, na página 96, declara "ser muito difícil, hoje em dia, inventar uma aventura capaz de interessar à nossa sensibilidade superior" e, na página 97, ser essa invenção "praticamente impossível". Em quase todas as outras páginas, faz a apologia da novela "psicológica" e opina ser o prazer das aventuras inexistente ou pueril. Tal é, sem dúvida, o parecer comum em 1882, em 1925 e ainda em 1940. Alguns escritores (entre os quais me apraz contar Adolfo Bioy Casares) acham por bem dissentir. Resumirei a seguir os motivos dessa dissensão.

O primeiro (cujo ar de paradoxo não quero destacar nem atenuar) é o rigor intrínseco da novela de peripécias. A novela característica, "psicológica", tende a ser informe. Os russos e os seus discípulos demons- [Página 7] traram, até à saciedade, que ninguém é impassível: suicidas por felicidade, assassinos por benevolência, pessoas que se adoram a ponto de se separarem para sempre, delatores por fervor ou por humildade... Essa liberdade plena acaba equivalendo à desordem mais completa. Por outro lado, a novela "psicológica"

quer ser, também, novela "realista": prefere que esqueçamos o seu carácter de artifício verbal e faz de toda vã precisão (ou de toda lânguida imprecisão) um novo toque verossímil. Há páginas, há capítulos de Marcel Proust inaceitáveis como invenções — aos quais, sem nos apercebermos, nos resignamos como ao insípido e ao ocioso do cotidiano. A novela de aventuras, em troca, não pretende ser uma transcrição da realidade: é um objeto artificial, que não sofre nenhuma parte injustificada. O temor de incorrer na mera variedade sucessiva do *Asno de Ouro*, das sete viagens de *Simbad* ou do *Quixote*, impõe-lhe um argumento rigoroso.

Aleguei um motivo de ordem intelectual; existem outros de carácter empírico. Todos se queixam de que o nosso século é incapaz de tecer tramas interessantes; ninguém se atreve a comprovar que, se este século tem alguma primazia sobre os anteriores, essa primazia é a das tramas. Stevenson é mais apaixonado, mais diverso, mais lúcido, talvez mais digno da nossa amizade do que Chesterton; mas os argumentos que comanda são inferiores. De Quincey, em noites de minucioso terror, mergulhou no âmago de labirintos, mas não cunhou sua impressão de *unutterable and selfrepeating infinities* em fábulas comparáveis às de Kafka. Observa, com justiça, Ortega y Gasset que a "psi-

[Página 8] cologia" de Balzac não nos satisfaz; o mesmo cabe afirmar quanto aos seus argumentos. A Shakespeare e a Cervantes agrada a idéia antinômica de que uma moça, sem que a sua formosura diminua, consiga passar por homem; nos nossos dias, esse móvel não funciona. Julgo-me isento de qualquer superstição de modernidade, de qualquer ilusão de que o passado difere intimamente do presente e de que este diferirá do amanhã; mas acho que nenhuma outra época possui novelas de argumentos tão admiráveis quanto as de *The turn of the screw*, *Der Prozess* *Le Voyageur sur la terre* ou como a desta, escrita, em Buenos Aires, por Adolfo Bioy Casares.

As ficções de índole policial — outro gênero típico deste século que não pode inventar argumentos — referem fatos misteriosos, logo justificados e ilustrados por um fato lógico. Nestas páginas, Adolfo Bioy Casares resolve com felicidade um problema talvez mais difícil. Desenvolve uma Odisséia de prodígios que não

parecem admitir outra chave que não a da alucinação ou a do símbolo, e deciframos plenamente mediante um único postulado fantástico, mas não sobrenatural. O temor de incorrer em revelações prematuras ou parciais proíbe-me examinar aqui o argumento e as muitas sutilezas da execução.

Basta-me declarar que Bioy renova literariamente um conceito que Santo Agostinho e Orígenes refutaram, que Louis Auguste Blanqui teorizou e que, com memorável música, Dante Gabriel Rossetti sintetizou: [Página 9]

I have been here before.

But when or how I cannot tell:

I know the grass beyond the door,

The sweet keen smell,

The sighing sound, the lights around the shore ...

Em espanhol, são pouco frequentes, ou mesmo raríssimas, as obras de imaginação racionada. Os clássicos exerceram a alegoria, os exageros da sátira e algumas vezes a mera incoerência verbal; de datas recentes, recordo apenas um ou outro conto de *Las fuerzas extrañas* e algum de Santiago Dabove

— injustamente esquecido. *La invención de Morel* (cujo título alude filialmente a outro inventor ilhéu, Moreau) traz para as nossas terras e para o nosso idioma um gênero novo.

Discuti com o seu autor os pormenores da trama; reli-a. Não me parece imprecisão ou hipérbole classificá-la de perfeita. [Página 10]

A INVENÇÃO DE MOREL

** Este livro contém a mesma numeração do original. O texto anterior ao número corresponde ao conteúdo da página numerada.*

HOJE, nesta ilha, aconteceu um milagre. O verão adiantou-se. Coloquei a cama perto da piscina e fiquei tomando banho até muito tarde. Era impossível dormir. Dois ou três minutos fora bastavam para converter em suor a água que devia me

proteger do calor inesperado. Pela madrugada, um gramofone des-pertou-me. Não pude voltar ao museu, a fim de buscar as coisas. Fugi pelos barrancos. Estou nos baixios do sul, entre plantas aquáticas, indignado por causa dos mosquitos, com o mar, ou córregos sujos, até a cintura vendo que antecipei absurdamente a minha fuga. Acho que essa gente não me veio procurar; talvez nem me tenham visto. Mas continuo o meu destino; estou des-provido de tudo, confinado ao lugar mais escasso, menos habitável da ilha; a pântanos, que o mar suprime uma vez por semana.

Escrevo isto para deixar testemunho do adverso milagre. Se dentro de poucos dias não morrer afogado, ou lutando pela minha liberdade, espero escrever a *Defesa Perante Sobreviventes* e um *Elogio de Malthus*. Atacarei, nessas páginas, os invasores das sel- [Página 13] vas e dos desertos; demonstrarei que o mundo, com o aperfeiçoamento das polícias, dos documentos, do jornalismo, da radiotelegrafia, das alfândegas, torna irreparável qualquer erro da justiça, é um perfeito inferno para os perseguidos. Até agora, não pude escrever senão esta folha, que ontem não previa. Quantas ocupações há nesta ilha solitária! Como é insuperável a dureza da madeira! Quão maior é o espaço do que o pássaro move-diço!

Um italiano, que vendia tapetes em Calcutá, foi quem me deu a idéia de vir para cá; disse-me (na sua língua):

— Para um perseguido, para o senhor, só há um lugar no mundo, mas nesse lugar não se vive. É uma ilha. Aproximadamente em 1924, estiveram lá brancos, construindo um museu, uma capela, uma piscina. As obras estão concluídas e abandonadas.

Interrompi-o, pedindo-lhe ajuda para a viagem; mas o mercador prosseguiu:

— Nem os piratas chineses, nem o barco pintado de branco do Instituto Rockefeller tocam nela. É foco de uma enfermidade, ainda misteriosa, que mata de fora para dentro. Caem as unhas e o cabelo, a pele e as córneas morrem e o corpo só resiste de oito a quinze dias. Os tripulantes de um vapor que tinha fundeado na ilha estavam pelados, calvos, sem unhas — e todos mortos —

quando foram encontrados pelo cruzador japonês *Namura*. O vapor foi afundado a canhoneiros. [Página 14]

Mas a minha vida era tão horrível que decidi partir... O italiano quis dissuadir-me; consegui que me ajudasse.

Ontem à noite, pela centésima vez, adormeci nesta ilha vazia... Vendo os edifícios, pensei no que teria custado trazer essas pedras, o fácil que teria sido fazer uma olaria, fabricar tijolos. Adormeci tarde e a música e os gritos acordaram-me de madrugada. A vida de fugitivo tornou-me o sono leve: tenho certeza de que não chegou nenhum barco, nenhum avião, nenhum dirigível. E, contudo, de um momento para o outro, nesta pesada noite de verão, os capinzais da colina se cobriram de pessoas que dançam, passeiam e nadam na piscina como veranistas instalados, faz tempo, nos Teques ou em Marienbad.

Desde os pântanos de águas misturadas, vejo a parte alta do morro, os veranistas que habitam o museu. Pela sua aparição inexplicável, poderia supor que são efeitos do calor de ontem à noite sobre o meu cérebro; mas não se trata de alucinações nem de imagens: são pessoas verdadeiras, pelo menos tão verdadeiras quanto eu.

Estão vestidas com roupas iguais às que se usavam faz poucos anos: graça que revela (segundo me parece) uma consumada frivolidade; não obstante, devo reconhecer que agora é muito comum a gente se admirar com a magia do passado imediato. [Página 15]

Quem sabe por que destino de condenado à morte os observo, inevitavelmente, a todas as horas. Dançam entre os capinzais do morro, lugar cheio de víboras. São inimigos inconscientes que, para escutar *Valência* e *Chá para Dois* — uma vitrola muito potente abafou o ruído do vento e do mar —, me privam de tudo o que me custou tanto trabalho, que me é indispensável para não morrer, e me espremem contra o mar em pântanos infetos.

Neste intento de observá-los há perigo; como todo agrupamento de pessoas cultas, devem ter, em algum lugar, um meio de tirar impressões digitais e serviço de informações, e me remeterão, se me descobrem, por umas quantas cerimônias ou tramitações, ao calabouço.

Exagero: contemplo, com alguma fascinação — há tanto tempo que não via gente! — esses abomináveis intrusos; mas seria impossível estar sempre de olho neles. Primeiro, porque tenho muito trabalho — o lugar é capaz de matar o ilhéu mais hábil; acabo de chegar; estou sem ferramentas.

Segundo, pelo perigo de que me surpreendam olhando-os, ou na primeira visita que façam a esta zona; se quiser evitar isso, terei de construir guaritas ocultas nos matagais. Finalmente, porque há dificuldade material em vê-los.

Estão no alto do morro e, para quem os espie daqui, são como gigantes fugazes; só posso vê-los quando se aproximam dos barrancos.

Minha situação é deplorável. Tenho de viver nestes baixios justamente num momento em que as ma- [Página 16] rés sobem mais do que nunca. Há poucos dias, houve a mais alta que já presenciei desde que estou na ilha.

Quando escurece, procuro galhos e cubro-os com folhas. Não estranho acordar dentro da água. A maré sobe por volta das sete da manhã; às vezes, vem adiantada. Mas, uma vez por semana, há subidas que podem ser definitivas. Uso cortes no tronco das árvores para meu controle; um erro poderia encher-me os pulmões de água.

Sinto, com desgosto, que este papel está se transformando em testamento. Se tenho de me resignar a isso, preciso fazer com que as minhas afirmações possam se comprovar, de modo que ninguém possa me julgar alguma vez suspeito de falsidade e pensar que minto ao dizer que fui condenado injustamente. Adotarei a divisa de Leonardo — *Ostinato rigore* —

e procurarei segui-la.

Creio que esta ilha se chama Villings e que pertence ao arquipélago das Ellice 1. Do comerciante de tapetes Dalmacio Ombrellieri (Rua Hiderabad, 21, subúrbio de Ramkrishnapur, Calcutá), poderão os leitores obter mais dados.

Esse italiano alimentou-me durante os vários dias que passei enrolado em tapetes persas; depois, me carregou para o porão de um navio. Não o comprometo, ao recordá-lo neste diário; não estou sendo ingrato para com ele...

A Defesa Perante Sobreviventes não deixará dúvidas: como, na [Página 17]

1. Duvido. Fala de um morro e de árvores de várias espécies. As ilhas Ellice — ou *das lagunas* — são baixas e não têm árvores, a não ser coqueiros arraigados na poeira do coral. (N. da edição original) realidade, na memória dos homens — onde porventura está o céu —

Ombrellieri terá sido caridoso para com um semelhante injustamente perseguido e, até a última recordação que tenham dele, o tratarão com benevolência.

Desembarquei em Rabaul; com um cartão do comerciante, visitei um membro da sociedade mais conhecida da Sicília; no brilho metálico do luar, em meio à

fumaça de fábricas de conservas de mariscos, recebi as últimas instruções e um bote roubado; remei desesperadamente e cheguei à ilha (com uma bússola que não entendo; sem orientação; sem chapéu; doente; com alucinações); o bote encalhou nas areias de leste (sem dúvida, os recifes de coral, que rodeiam a ilha, estavam submersos); permaneci no bote mais de um dia, perdido em episódios horríveis, esquecendo até de que tinha chegado.

A vegetação da ilha é abundante. Plantas, capinzais, flores de primavera, de verão, de outono, de inverno vão se sucedendo com avidez, com mais avidez em nascer do que em morrer, invadindo o tempo e a terra uns dos outros, acumulando-se incontinentemente. Em compensação, as árvores estão doentes: têm as copas secas, os troncos cheios de brotos. Encontro duas explicações para isso: ou as ervas estão sugando a força do solo, ou as raízes das árvores já alcançaram a pedra (o fato de que as árvores novas estejam sãs parece confirmar a segunda hipótese). As [Página 18] árvores da colina endureceram tanto, que é impossível trabalhá-las; tampouco se pode conseguir alguma coisa com as do baixio: a pressão dos dedos é suficiente para desfazê-las, deixando na mão uma espécie de serragem pegajosa, umas lascas moles.

Na parte alta da ilha, que tem quatro barrancos cobertos de capim (nos barrancos de oeste há pedras), estão o museu, a capela e a piscina. As três construções são modernas, angulares, lisas, de pedra bruta. Como tantas vezes acontece, a pedra parece uma imitação mal feita e não harmoniza perfeitamente com o estilo.

A capela é uma caixa oblonga, achatada (o que a faz parecer muito comprida), A piscina está bem construída, mas, como não excede o nível do chão, inevitavelmente se enche de víboras, sapos, rãs e insetos aquáticos. O

museu é um edifício grande, de três andares, sem telhado visível, com um corredor à frente e outro, menor, atrás, e com uma torre cilíndrica.

Encontrei-o aberto e logo me instalei nele. Chamo-o de museu porque assim o chamava o mercador italiano. Que motivos teria? Talvez nem ele mesmo soubesse. Poderia ser um hotel esplêndido, com capacidade para umas cinquenta pessoas, ou um sanatório.

Tem um salão com estantes abundantes mas deficientes: não há senão novelas, poesia, teatro (excetuando-se um livrinho — Belidor: *Travaux* — Le

[Página 19] *Moulin Perse* — Paris, 1937 — que estava sobre um console de mármore verde e agora recheia um bolso destes farrapos de calça que visto.

Tirei-o porque o nome Belidor me pareceu estranho e porque me perguntei se o

capítulo *Moulin Perse* não explicaria a existência desse moinho que há nos baixios). Percorri as estantes, procurando ajuda para certas investigações que o processo interrompeu e que, na solidão da ilha, tentei continuar (creio que perdemos a imortalidade porque a resistência à morte não evoluiu; seus aperfeiçoamentos insistem na idéia primitiva, rudimentar, de manter vivo todo o corpo. Só se deveria procurar conservar o que interessa para a consciência).

No salão, as paredes são de mármore rosa, com alguns veios verdes. As janelas, com suas vidraças azuis, alcançariam o andar superior da casa onde nasci. Quatro grandes cálices de alabastro, em que se poderiam esconder quatro meias dúzias de pessoas, irradiam luz elétrica. Os livros melhoram um pouco esta decoração. Uma porta dá para o corredor; outra, para um salão redondo; outra, diminuta e tapada por um biombo, para a escada em caracol.

No corredor fica a escada principal, de estuque e atapetada. Há cadeiras de palha e as paredes estão cobertas de livros.

A sala de jantar mede uns dezesseis metros por doze. Por cima de tríplexes colunas de acaju, em cada parede, há varandas que são como camarotes para quatro divindades sentadas — uma em cada camarote — semi-

índias, semi-egípcias, ocres, de terracota; são três vezes maiores do que um homem; rodeiam- [Página 20] nas folhas escuras e proeminentes de plantas de gesso. Embaixo das varandas há grandes painéis com desenhos de Fujita, que destoam (por humildes).

O piso do salão redondo é um aquário. Em invisíveis caixas de vidro, na água, há lâmpadas elétricas (a única iluminação desse aposento sem janelas).

Recordo o lugar com repugnância. Quando cheguei, havia centenas de peixes mortos: tirá-los foi uma operação horripilante; deixei correr água, dias e dias, mas sempre ficou o cheiro de peixe podre (que lembra as praias da minha pátria, com suas água turvas pela multidão de peixes, vivos e mortos, uns pulando e outros infetando vastíssimas porções de ar, enquanto os incomodados moradores os enterram). Com o piso iluminado e as colunas de laca preta que o cercam, nesse aposento a gente se imagina caminhando magicamente sobre um lago, no meio de um bosque. Por duas aberturas dá para o salão e para uma sala pequena, verde, com um piano, um gramofone e um biombo de espelhos, de vinte faces ou mais.

Os quartos são modernos, suntuosos, desagradáveis. Há quinze apartamentos. No meu, fiz umas obras devastadoras, que deram poucos resultados. Abdiqueei dos quadros — de Picasso —, dos cristais *fumes*, das forrações de valiosas

procedências, mas fiquei vivendo numa ruína incômoda.

Em duas ocasiões análogas fiz minhas descobertas nos sótãos. Na primeira — tinham começado [Página 21] a escassear as provisões na despensa

— procurava alimentos e descobri a usina. Percorrendo o porão, reparei que nenhuma parede tinha a clarabóia que eu vira desde fora, com vidros espessos e grades, meio escondida entre os ramos de uma conífera. Como se discutindo com alguém que teimasse ser essa clarabóia irreal, apenas sonhada, saí para ver se não sumira.

Lá estava ela. Desci ao porão e tive grande dificuldade em me orientar é encontrar, por dentro, o lugar que correspondia à clarabóia. Estava do outro lado da parede. Procurei aberturas, portas secretas. A parede era muito lisa e sólida. Pensei que, numa ilha, num lugar cercado, tinha de haver um tesouro; mas resolvi furar a parede e entrar, porque me pareceu mais verossímil que houvesse, se não metralhadoras e munições, pelo menos um depósito de víveres.

Com o ferro que servia de tranca a uma porta, e uma crescente languidez, abri um buraco: logo se viu a claridade do céu. Trabalhei muito e, nessa mesma tarde, consegui entrar. Minha primeira sensação não foi desgosto por não encontrar víveres, nem alívio por deparar com uma bomba de puxar água e uma usina de luz, e sim admiração e prazer: as paredes, o teto e o piso eram de porcelana azul-celeste e até mesmo o ar (nesse aposento sem outra comunicação com o exterior além de uma clarabóia alta, escondida entre os galhos de uma árvore) tinha a diafanidade celeste e profunda que existe na espuma das cascatas.

Entendo muito pouco de motores, mas não demorei a pô-los em funcionamento. Quando a água das [Página 22] chuvas acaba, faço trabalhar a bomba. Tudo isso me surpreendeu: por mim e pela simplicidade e bom estado das máquinas. Não ignoro que, para remediar um enguiço, só conto com a minha resignação. Sou tão inepto, que ainda não consegui descobrir a função de uns motores verdes que há no mesmo aposento, nem desse rolo com aletas que há nos baixios do sul (ligado ao porão por um tubo de ferro; se não estivesse tão afastado da costa, lhe atribuiria alguma relação com as marés; poderia imaginar que serve para carregar os acumuladores que a usina deve ter). Devido a essa minha inépcia, faço muita economia; só ponho em marcha os motores quando é indispensável.

Não obstante, numa ocasião todas as luzes do museu ficaram a noite inteira acesas. Foi a segunda vez que fiz descobertas nos porões.

Estava doente. Esperava que, em alguma parte do museu, houvesse um armário

com remédios; em cima, não encontrei nada; desci aos porões e... nessa noite, ignorei a doença, esqueci os horrores por que passava, me convencendo de que só apareciam nos sonhos. Descobri uma porta secreta, uma escada, um segundo porão. Entrei numa câmara poliédrica muito parecida com um refúgio contra bombardeios aéreos que vi no cinema, com as paredes recobertas de chapas de dois tipos — umas de um material semelhante à cortiça, outras de mármore — simetricamente distribuídas. Dei um passo: por arcadas de pedra, em oito direções, vi repetir-se, como em espelhos, oito vezes a mesma câmara. Depois, ouvi passos, terrivelmente nítidos, à minha volta, em cima, em baixo, caminhando [Página 23] do pelo museu. Avancei um pouco mais: cessaram os ruídos, como num ambiente de neve, como nas frias alturas da Venezuela.

Subi a escada. Reinava o silêncio, o barulho solitário do mar, a imobilidade com fugas de centópéias. Temi uma invasão de fantasmas, uma invasão de policiais, menos verossímil. Passei horas entre os cortinados, angustiado pelo esconderijo que tinha escolhido (podiam me ver de fora; se quisesse fugir de alguém que estivesse no aposento, teria de abrir a janela) .

Depois, atrevi-me a revistar a casa, mas continuava inquieto: por várias vezes escutara passos nítidos, movediços.

Pela madrugada, desci novamente ao porão. Redearam-me os mesmos passos, próximos e afastados. Mas, dessa vez, compreendi-os. Perturbado, continuei a percorrer o segundo porão, intermitentemente' escoltado pelo bando solícito dos ecos, multiplicada-mente só. Há nove câmaras iguais; outras cinco num porão situado mais abaixo. Parecem abrigos antiaéreos. Quais terão sido as pessoas que, em 1924, aproximadamente, construíram este edifício? Por que o terão abandonado? Que bombardeios temiam? Causa espanto que os engenheiros de um prédio tão bem construído tenham respeitado o moderno preconceito contra as molduras, a ponto de haver concebido este abrigo, que põe à prova o equilíbrio mental: os ecos de um suspiro fazem ouvir suspiros, ao lado, longínquos, durante dois ou três minutos. Onde não há ecos, o silêncio é tão horrível como esse peso que, nos sonhos, não nos deixa fugir. [Página 24]

O leitor atento poderá tirar, deste meu relatório, um catálogo de objetos, de situações, de fatos mais ou menos assombrosos; o último é a aparição dos atuais habitantes da colina. Terão estas pessoas relação com as que aqui viveram em 1924? Deverei ver, nos turistas de hoje, os construtores do museu, da capela, da piscina? Não me decido a crer que uma destas pessoas tenha alguma vez interrompido o *Chá para Dois* ou *Valência* para fazer o projeto deste edifício,

infestado de ecos, sem dúvida, mas à prova de bombas.

Nas rochas, todas as tardes, uma mulher contempla o pôr do sol. Tem um lenço colorido amarrado na cabeça; as mãos juntas, sobre um joelho; sóis pré-natais devem ter dourado a sua pele; pelos olhos, pelo cabelo preto, pelo busto, parece uma dessas ciganas ou espanholas dos quadros mais detestáveis.

Aumento pontualmente as páginas deste diário e esqueço as que me desculparão dos anos que a minha sombra se demorou na terra (*Defesa Perante Sobreviventes e Elogio de Malthus*), Contudo, o que hoje escrevo será uma precaução. Estas linhas permanecerão invariáveis, apesar da pouca firmeza das minhas convicções. Tenho de me cingir ao que agora sei: convém à minha segurança renunciar, interminavelmente, a qualquer auxílio de um semelhante.

Não espero nada. Isso não é horrível. Depois que assim decidi, ganhei tranquilidade. [Página 25]

Mas essa mulher me deu uma esperança. Preciso temer as esperanças.

Contempla o pôr do sol todas as tardes; escondido, eu a contemplo.

Ontem, hoje, novamente, descobri que minhas noites e meus dias esperam por essa hora. A mulher, com a sensualidade de uma cigana e com o seu lenço de cores, demasiado grande, parece-me ridícula. Entretanto sinto, talvez um pouco de brincadeira, que, se pudesse ser olhado um instante por ela, lhe falado um instante, afluiria de uma só vez o socorro que o homem tem nos amigos, nas namoradas e nos que estão no seu próprio sangue.

Minha esperança pode ser obra dos pescadores e do tenista barbudo.

Hoje, irritou-me encontrá-la com esse falso tenista; não tenho ciúmes, mas ontem tampouco a vi; dirigia-me para as rochas e os tais pescadores me impediram de prosseguir; não me disseram nada: fugi antes de ser visto.

Procurei contorná-los por cima; impossível: tinham amigos, vendo-os pescar.

Quando dei meia volta, o sol já se tinha posto, apenas as rochas testem unham a noite.

Talvez esteja arriscando um erro irremediável; talvez essa mulher, amolecida pelos sóis de todas as tardes, me entregue à polícia.

Calunio-a; mas não esqueço o amparo da lei. Os que decidem a sentença impõem tempos, defesas que nos aferram loucamente à liberdade.

Agora, invadido pela sujeira e por pêlos que não posso extirpar, um pouco velho, alimento a esperança dá proximidade benigna dessa mulher indubitavelmente bela. [Página 26]

Confio em que a minha enorme dificuldade seja momentânea: vencer a primeira impressão. Esse falso impostor não me derrotará.

Em quinze dias, houve três grandes inundações. Ontem, a sorte me salvou de morrer afogado. Por pouco a água não me surpreende. Atendo-me às marcas no tronco das árvores, calculei para hoje a maré. Se, pela madrugada, tivesse adormecido, estaria morto. Não tardou que a água subisse com a disposição que tem uma vez por semana. A minha negligência foi tanta que, agora, não sei a que atribuir estas surpresas: se a erros de cálculo ou se a uma perda transitória de regularidade nas grandes marés. Se as marés tiverem alterado os seus costumes, a vida nestes baixios será ainda mais precária. Irei me acomodar, não obstante. Sobrevivi a tanta adversidade!

Vivi doente, dolorido, com febre, durante muito tempo; ocupadíssimo em não morrer de fome; sem poder escrever (com esta cara indignação que devo aos homens),

Quando cheguei, havia algumas provisões na despensa do museu. Num forno clássico e tostado, com farinha, sal e água, elaborei um pão incomedível.

Não tardei a comer farinha do saco, em pó (com goles de água). Tudo se acabou: até mesmo umas línguas de carneiro em mau estado, até mesmo os fósforos (com um consumo de três por dia). Quão mais evoluídos que nos foram os inventores do fogo! Estive dias sem [Página 27] conta trabalhando, machucando-me, para fazer uma armadilha; quando funcionou, pude comer pássaros sangrentos e doces. Segui a tradição dos solitários: também comi raízes. A dor, uma lividez úmida e espantosa, catalepsias que não me deixaram uma recordação, inolvidáveis temores sonhados, me permitiram conhecer as plantas mais venenosas.¹

1. Viveu, sem dúvida, debaixo de coqueiros carregados de cocos. Não os menciona. *Será* que não os viu?

Ou será que, atacados pela peste, eles não davam cocos? (N. da edição original).

Estou contrariado: não tenho as ferramentas necessárias; a região é malsã, adversa. Mas, há uns meses atrás, a minha vida atual me teria parecido um paraíso exagerado.

As marés diárias não são perigosas nem pontuais. As vezes, levantam os ramos cobertos de folhas que estendo para dormir, e amanheço num mar im-pregnado pelas águas barrentas dos pântanos.

Sobra-me a tarde para caçar; pela manhã, estou com água até a cintura; os movimentos pesam como se a parte do corpo que está submersa fosse muito grande; em compensação, há menos lagartos e víboras; os mosquitos duram todo o dia, todo o ano.

As ferramentas estão no museu. Aspiro a ter coragem, a empreender uma expedição e resgatá-las. Talvez não seja indispensável: essas pessoas desaparecerão; talvez eu tenha sido vítima de alucinações.

O bote ficou fora do meu alcance, na praia de leste. O que perco não é muito: saber que não estou [Página 28] preso, que posso ir embora da ilha; mas alguma vez pude ir? Sei o inferno que representa esse bote. Vim de Rabaul até aqui. Não tinha água para beber, não tinha chapéu. A remo, o mar é inesgotável. A insolação e o cansaço eram maiores do que o meu corpo.

Assolaram-me uma ardente enfermidade e sonhos que não tinham fim.

Agora, a minha sorte é distinguir as raízes comestíveis. Consegui organizar a vida tão bem, que faço todos os trabalhos e ainda me sobra um bocado de tempo para descansar. Nesta amplidão, sinto-me livre, feliz.

Ontem, me atrasei: hoje estive trabalhando sem parar; não obstante, ficou algo para fazer amanhã, e quando há tanta coisa para fazer, a mulher dos poentes não me tira o sono.

Ontem pela manhã o mar invadia os baixios. Nunca vi maré de tamanha amplidão. Ainda estava subindo quando começou a chover (aqui, as chuvas são pouco frequentes, mas fortíssimas e com vendavais). Tive de procurar abrigo.

Acosado pelo escorregadio das encostas, pelo ímpeto da chuva, pelo vento e pelos galhos, subi o morro. Tive a idéia de me esconder na capela (o lugar mais solitário da ilha).

Estava nos aposentos reservados para os sacerdotes desjejuaem e mudarem de roupa (não vi nenhum padre nem pastor entre os ocupantes do museu) quando, de repente, senti duas pessoas bruscamente presentes, como se não tivessem chegado, como se ape- [Página 29] nas houvessem surgido na minha vista ou imaginação... Escondi-me — irresoluto, inábil — debaixo do altar, entre sedas roxas e rendas. Não me viram. O susto ainda persiste.

Passei um bocado imóvel, agachado, numa postura incômoda, espiando por entre as cortinas de seda que há debaixo do altar principal, com a atenção voltada para os ruídos interpostos pela tempestade, olhando para as montanhas dos formigueiros, escuras, para os caminhos movediços das formigas, pálidas e grandes, para as lajes removidas... Atento às gotas na parede e no teto, à água ondulando sob as goteiras, à chuva na calçada próxima, aos trovões, aos ruídos confusos do temporal, das árvores, do mar na praia, das vigas imediatas, querendo isolar os passos ou a voz de alguém que estivesse avançando para o meu refúgio, evitar outra aparição inesperada...

Entre os ruídos, 'comecei a escutar fragmentos de uma melodia concisa, muito remota... Deixei de ouvi-la e pensei que tinha sido como essas figuras que, segundo Leonardo, aparecem quando fitamos durante algum tempo as manchas de umidade. A música voltou e eu fiquei com os olhos nublados, encantado com a sua harmonia, convulso antes de ser vencido pele terror.

Após um momento, fui até a janela. A água, branca na vidraça, sem brilho, profundamente escura no ar, mal deixava ver... Tive uma surpresa tão grande, que não me importei de olhar pela porta aberta.

Aqui vivem os heróis do esnobismo (ou os pensionistas de um hospício abandonado). Sem especta- [Página 30] dores — ou sou eu o público previsto desde o início —, para serem originais, cruzam o limite da incomodidade suportável, desafiam a morte. Isto é verídico, não uma invenção do meu rancor... Tinham tirado o gramofone que está no salão verde, contíguo ao saião do aquário e, mulheres e homens, sentados em bancos ou na grama, conversavam, ouviam música e dançavam em meio a uma tempestade de água e vento que ameaçava arrancar todas as árvores.

Agora, a mulher do lenço me é imprescindível. Talvez todo esse escrúpulo de não esperar seja um pouco ridículo. Nada esperar da vida, para não arriscá-la; fazer-se de morto, para não morrer. De repente, isto me pareceu um letargo horrível, inquietíssimo; quero que termine. Depois da fuga, depois de ter vivido sem ligar para o cansaço que me destruía, alcancei a calma; minhas decisões talvez me devolvam a esse passado ou aos juizes; prefiro-os a este longo purgatório.

Começou faz oito dias, quando registrei o milagre da aparição dessas pessoas; à tarde, tremi perto das rochas de oeste. Disse para mim mesmo que tudo aquilo era vulgar; o tipo cigano da mulher e o meu encantamento, próprio de solitário, acumulado. Voltei mais duas tardes: a mulher lá estava; comecei a achar que aquilo era a única coisa milagrosa; depois, vieram os dias aziagos dos pescadores, em que não a [Página 31] vi, do barbudo, da inundação, de reparar os destroços da inundação. Hoje à tarde...

Estou assustado; mas, com maior insistência, descontente comigo mesmo.

Agora, tenho de esperar que os intrusos venham, a qualquer momento; se demoram, *malum signum*: vêm me prender. Esconderei este diário, prepararei uma explicação e os aguardarei não muito longe do bote, decidido a lutar, a fugir. Não obstante, não me preocupo cora os perigos. Estou aborrecidíssimo: tive descuidos que podem me privar, para sempre., da mulher.

Depois de tomar banho, limpo e mais desordenado (por efeito da umidade na barba e no cabelo), fui vê-la. Tinha traçado esse plano: esperá-la nas rochas; a mulher, ao chegar, me encontraria absorto nó pôr do sol; a surpresa, o provável receio, teriam tempo de se transformar em curiosidade; mediaría favoravelmente a nossa comum devoção à tarde; ela me perguntaria quem sou; ficaríamos amigos...

Cheguei tarde demais. (Minha impontualidade exaspera-me. E pensar que nessa corte dos vícios, chamado o mundo civilizado, em Caracas, foi uma das minhas características mais pessoais!)

Estraguei tudo: ela contemplava o entardecer e, bruscamente, surgiu detrás de umas pedras. Bruscamente e hirsuto, visto de baixo, devo ter aparecido com os meus atributos de susto aumentados. [Página 32]

Os intrusos devem estar chegando. Não preparei uma explicação. Não sinto medo.

Esta mulher é algo mais do que uma falsa cigana. Espanta-me a sua coragem. Nada nela demonstrou que me tivesse visto. Nem um pestanejar, nem sequer um leve sobressalto.

O sol ainda estava acima do horizonte (não o sol; a aparência do sol; era o momento em que o sol já se pôs ou vai se pôr, e a gente o vê onde não está). Eu tinha escalado apressadamente as pedras. Vi-a: o lenço de cores, as mãos

cruzadas sobre um joelho, o seu olhar, aumentando o mundo. Minha respiração tornou-se ofegante. Os penhascos, o mar, pareciam trêmulos.

Enquanto pensava nisto, ouvi o mar, com seu ruído de movimento e fadiga, ao meu lado, como se se houvesse posto ao meu lado. Tranquilizei-me um pouco. Não era provável que se ouvisse a minha respiração.

Então, para adiar o momento de lhe falar, descobri uma antiga lei psicológica. Convinha-me falar de um lugar alto, que me permitisse olhar de cima. Esta maior elevação material compensaria, em parte, as minhas inferioridades.

Galguei outras rochas. O esforço piorou o meu estado. Pioraram-no também:

A pressa: eu me tinha colocado na obrigação de lhe falar hoje mesmo. Se quisesse evitar que ela sentisse desconfiança — pelo solitário local, pela escuridão — não podia esperar nem mais um minuto. [Página 33]

Vê-la: como se posasse para um fotógrafo invisível, tinha a calma da tarde, se bem que mais imensa. E eu ia interrompê-la.

Dizer algo era um expediente alarmante. Nem sabia se teria voz.

Contemplei-a, escondido. Receei que me surpreendesse espiando-a; apareci, talvez, demasiado bruscamente; no entanto, a paz do seu peito não se alterou; o seu olhar prescindia de mim, como se eu fosse invisível.

Não me detive.

— Senhorita, quero que me escute — disse, na esperança de que não acedesse ao meu pedido, pois estava tão emocionado, que esquecera o que tinha para lhe dizer. Achei que a palavra *senhorita* soava ridícula na ilha. Além disso, a frase era demasiado imperativa (combinada com a minha aparição repentina, a hora, a solidão).

Insisti:

— Compreendo que não se digne...

Não posso recordar exatamente o que lhe disse. Estava quase inconsciente. Falei com uma voz mesurada e baixa, com uma compostura que sugeria obscenidades. Caí, de novo, no *senhorita*. Renunciei às palavras e pus-me a contemplar o poente, esperando que a visão compartilhada dessa calma nos

aproximasse. Voltei a falar-lhe. O esforço que fazia para me dominar abaixava-me a voz, aumentava a obscenidade do tom. Passaram-se outros minutos de silêncio. Insisti, implorei, de um modo repulsivo. No fim, cheguei ao ridículo: trêmulo, quase aos gritos, pedi-lhe [Página 34] que me insultasse, que me delatasse, mas que não continuasse em silêncio.

Não foi como se não me tivesse ouvido, como se não me tivesse visto; foi como se os seus ouvidos não servissem para ouvir, como se os seus olhos não servissem para ver,

De certo modo, me insultou; demonstrou que não me temia. Já era noite quando recolheu a sacola de costura e se encaminhou, devagar, para o alto da colina.

Os homens ainda não vieram me buscar. Talvez não venham esta noite.

Talvez esta mulher seja para tudo igualmente assombrosa e não lhes tenha falado na minha aparição. A noite está escura. Conheço bem a ilha: não temo nem um exército de noite.

Foi outra vez como se não me tivesse visto. Não cometi outro erro senão o de permanecer calado e deixar que o silêncio se restabelecesse.

Quando a mulher chegou às rochas, eu contemplava o poente. Ficou um momento imóvel, procurando um lugar para estender a manta. Depois, caminhou para mim. Bastava-me esticar um braço para tê-la tocado. Essa possibilidade me horrorizou (como se tivesse corrido o risco de tocar um fantasma). Naquele seu prescindir de mim havia algo muito estranho. Não obstante, ao sentar-se ao meu lado me desafiava e, de certo modo, punha fim a esse prescindir. [Página 35]

Tirou um livro da sacola e pôs-se a ler. Aproveitei a trégua para me acalmar.

Depois, quando a vi largar o livro, levantar os olhos, pensei: — Prepara-se para interpelar-me. — Mas não. O silêncio aumentava, iniludível.

Compreendi a gravidade de não o interromper; mas, sem obstinação, sem motivo, permaneci calado.

Nenhum dos seus companheiros veio me buscar. Talvez não lhes tenha falado de mim; talvez lhes preocupe o meu conhecimento da ilha (por isso é que a mulher volta diariamente, simulando um episódio sentimental).

Desconfio. Estou pronto a surpreender a conspiração mais silenciosa.

Descobri em mim uma inclinação para prever apenas as conseqüências más. Foi se formando nestes últimos três ou quatro anos; não é casual, e sim in-cômoda. Que a mulher volte, a proximidade que procurou, tudo parece indicar uma mudança demasiado feliz para que a possa imaginar.. Talvez eu esqueça a minha barba, a minha idade, a policia, que tanto me perseguiu, que ainda me estará procurando, obstinada, como uma eficiente maldição. Não devo abrigar esperanças. No momento em que escrevo isto, me ocorre uma idéia que é uma esperança. Não creio ter insultado a mulher, mas talvez fosse oportuno desagrá-la. Que faz um homem nessas ocasiões? Manda flores. É uma idéia ridícula... mas as cafonices, quando humildes, têm todo o apoio do coração. Na ilha há muitas flores. Quando cheguei, restavam alguns canteiros em volta da piscina do museu. Na certa, poderei fazer um pequeno jardim na grama [Página 36] que bordeja as rochas. Talvez a natureza me ajude a conseguir a intimidade de uma mulher. Talvez me sirva para acabar com o silêncio e a cautela. Será este o meu último recurso poético. Nunca combinei cores; de pintura não entendo quase nada... Confio, porém, em poder fazer um trabalho modesto, que demonstre amor pela jardinagem.

Levantei-me de madrugada. Sentia que o mérito do meu sacrifício bastava para realizar o trabalho.

Vi as flores (abundam na parte baixa dos barrancos) . Arranquei as que me pareceram menos desagradáveis. Mesmo as de cores vagas têm uma vitalidade quase animal. Após um bocado, olhei-as, para separá-las, pois já não me cabiam debaixo do braço: estavam murchas.

Ja renunciar ao meu projeto, mas me lembrei de que, perto do museu, há outro lugar com muitas flores... Como era cedo, achei que não havia perigo em ir até lá. Os intrusos sem dúvida ainda estariam dormindo.

São flores diminutas e ásperas. Cortei umas quantas. Não têm essa pressa monstruosa de morrer.

Seus inconvenientes: o pequeno tamanho e o fato de estarem à vista do museu.

Passei quase toda a manhã expondo-me a ser descoberto por qualquer pessoa que tivesse tido a coragem de se levantar antes das dez. Creio que tão mo- [Página 37] desto requisito da calamidade não se cumpriu. Durante o meu trabalho de juntar as flores, vigiei o museu e não vi nenhum dos seus ocupantes; isso me permite supor que tampouco me viram.

As flores são muito pequenas. Terei de plantar milhares e milhares, para obter mais do que um jardinzinho ínfimo (seria mais bonito e mais fácil de fazer, mas existe o perigo de que a mulher não o veja).

Apliquei-me a preparar os canteiros, a quebrar a terra (está dura e as superfícies planejadas são muito vastas), a regar com água das chuvas. Quando tiver acabado de preparar a terra, precisarei procurar mais flores. Farei o possível para que não me surpreendam, principalmente para que não interrompam o trabalho ou o vejam antes de estar pronto. Esquecime de que, para os traslados de plantas, há exigências cósmicas. Não posso acreditar que, depois de tanto perigo, de tanta fadiga, as flores não resistam até o pôr do sol.

Careço de estética para jardins; de qualquer maneira, entre os capinzais e os matagais, o trabalho resultará comovente. Será uma fraude, naturalmente; segundo os meus planos, hoje à tarde será um jardim cuidado; amanhã, talvez esteja morto ou sem flores (se houver vento).

Sinto uma certa vergonha em descrever o meu projeto. Uma imensa mulher sentada, contemplando o poente, com as mãos unidas sobre um joelho; um homem exíguo, feito de folhas, ajoelhado diante da mulher (debaixo deste personagem colocarei a palavra "EU", entre parênteses). [Página 38]

E mais esta inscrição:

Sublime, não longínqua e misteriosa, Com o silêncio vivo de uma rosa.

O meu cansaço é quase uma doença. Tenho a feliz possibilidade de me deitar debaixo das árvores até às seis da tarde, mas não vou aproveitá-la. O

motivo desta necessidade de escrever deve ter origem nos nervos. O pretexto é o de que, agora, os meus atos me levam a um dos meus três futuros: a companhia da mulher, a solidão (ou seja, a morte em que passei os últimos anos, impossível depois de ter contemplado a mulher), a horrorosa justiça. A qual deles? Sabê-lo antecipadamente é difícil. Contudo, a redação e a leitura destas memórias podem me ajudar nessa previsão tão útil; talvez também me permitam cooperar na realização do futuro mais conveniente.

Trabalhei como um executante prodigioso; a obra escapa a qualquer relação com os movimentos que a realizaram. Talvez a magia dependa disso: foi preciso aplicar-se às partes, à dificuldade de plantar cada flor e alinhá-la com a precedente. Não se podia, em pleno trabalho, prever a obra concluída; poderia resultar um desordenado conjunto de flores, ou uma mulher, indistintamente.

Não obstante, a obra não parece improvisada; está satisfatoriamente bonita. Não pude cumprir com o meu projeto. Imaginariamente, não custa mais fazer uma mulher sentada, com as mãos sobre um joelho, do que uma mulher de pé; mas, feita de flores, a primeira é quase impossível de conseguir. A mulher está de frente, com os pés e a cabeça de perfil, contemplando um pôr do sol. A cara e um lenço de flores cor de violeta formam a cabeça. A pele não saiu bem. Não pude obter esse tom queimado, que me repugna e me atrai, ao mesmo tempo. O vestido é de flores azuis; tem barras brancas. O sol é feito com uns estranhos girassóis que há aqui. O mar, com as mesmas flores do vestido. Eu estou de perfil, ajoelhado. Sou diminuto (um terço do tamanho da mulher) e verde, feito de folhas.

Modifiquei a inscrição. A primeira era demasiado comprida para ser feita com flores. Transformei-a nesta:

Minha morte nesta ilha tu velaste.

Alegrava-me ser um morto insone. Por esse prazer, descurei a cortesia; na frase podia haver uma censura implícita. Voltei, não obstante, a essa idéia.

Creio que me cegavam: o gosto de me apresentar como um ex-morto; a descoberta literária, ou cafona, de que a morte era impossível ao lado dessa mulher. Dentro da sua monotonia, as aberrações eram quase monstruosas: Um morto nesta ilha tu velaste. [Página 40]

Ou:

Já não estou morto: estou apaixonado.

Perdi a coragem. A inscrição de flores diz:

Tímida homenagem de um amor.

Tudo aconteceu dentro da mais previsível normalidade, mas de uma forma inesperadamente benigna. Estou perdido. Ao lavar este jardimzinho, cometi um erro terrível, como Ajax — ou algum outro nome helênico, já esquecido — quando esfaqueou os animais; só que, neste caso, eu sou os animais esfaqueados.

A mulher chegou mais cedo do que de costume. Deixou a sacola (com um livro meio saído) sobre uma rocha e, noutra, mais plana, estendeu a manta.

Vestia uma roupa de tênis; na cabeça, um lenço quase violeta. Ficou um momento contemplando o mar, como que adormecida; depois, levantou-se e foi

buscar o livro. Movia-se com essa liberdade que temos quando estamos sós.

Passou, na ida e na volta, no lado do meu jardimzinho, mas fingiu não vê-lo.

Não desejei que o visse; pelo contrário, quando a mulher apareceu, compreendi o meu terrível equívoco, sofri por não poder apagar uma obra que me condenava para sempre, Fui me tranqüilizando, talvez perdendo a cons-

[Página 41] ciência. A mulher abriu o livro, pousou a mão entre as folhas, continuou contemplando a tarde. Não foi embora antes do anoitecer.

Agora me consolo refletindo sobre a minha condenação. É justa ou não?

Que devo esperar, depois de lhe ter dedicado esse jardimzinho de mau gosto?

Creio, sem revolta, que a obra não deveria perder-me, já que posso criticá-la.

Para um ser onisciente, eu não sou o homem que esse jardim faz temer. Não obstante, criei-o.

Ja dizer que aí se manifestavam os perigos da criação, a dificuldade de possuir diversas consciências, equilibradamente, simultaneamente. Mas, de que vale isso? Esses consolos são lânguidos. Tudo se perdeu: a vida com a mulher, a solidão passada. Sem refúgio, perduro neste monólogo que, desde agora, é injustificável.

Apesar dos nervos, hoje senti inspiração, quando a tarde se desfazia, participando da incontaminada serenidade, da magnificência da mulher. Esse bem-estar voltou a possuir-me de noite; tive um sonho com o lupanar de mulheres cegas que visitei, com Ombrellieri, em Calcutá. Apareceu a mulher e o lupanar foi se convertendo num palácio florentino, rico, estucado. Eu, confusamente, exclamei: Que romântico!, choroso de felicidade poética e de vaidade.

Mas acordei algumas vezes, angustiado pela minha falta de méritos para a estrita delicadeza da mulher. Não o esquecerei: dominou o desagrado que lhe produziu o meu horrendo jardimzinho e simulou, piedosamente, não o ver.

Angustiava-me, também, ou- [Página 42] vir *Valentia e Chá para Dois*, que um gramofone exagerado repetiu até o nascer do sol.

Tudo o que escrevi sobre o meu destino — com esperanças ou com temor, de brincadeira ou a sério — me mortifica.

O que sinto é desagradável. Parece-me que há muito eu sabia o alcance funesto dos meus atos e que insisti com frivolidade e obstinação... Poderia ter tido essa conduta num sonho, na loucura... Na sesta de hoje, como um comentário simbólico e antecipado, tive este sonho: enquanto jogava uma partida de *croquet*, soube que a ação do meu jogo estava matando um homem.

Depois, eu era, irremediavelmente, esse homem.

Agora, o pesadelo continua... Meu fracasso é definitivo e me ponho a contar sonhos. Quero despertar, e encontro essa resistência que impede sair dos pesadelos mais atrozes.

Hoje, a mulher quis que eu sentisse a sua indiferença. Conseguiu-o. Mas a sua tática é desumana. Eu sou a vítima; no entanto, creio ver a questão de modo objetivo.

Veio com o horroroso tenista. A presença desse homem devia acalmar os meus ciúmes. É muito alto. Usava um casaco de tênis, grená, demasiado grande, calças brancas e sapatos brancos e amarelos, desmesurados. A barba parecia postiça. A pele é feminina, cerosa, marmórea nas têmporas. Os olhos são escuros; [Página 43] os dentes, abomináveis. Pala devagar, abrindo muito a boca, pequena, redonda, vocalizando infantilmente, mostrando uma língua pequena, redonda, carmin, sempre agarrada aos dentes inferiores. As mãos são enormes, pálidas; adivinho-lhes um tênue revestimento de umidade.

Escondi-me imediatamente. Ignoro se ela me viu; suponho que sim, porque em nenhum momento pareceu procurar-me com os olhos.

Estou certo de que o homem não reparou, até mais tarde, no jardimzinho.

Ela fingiu não vê-lo.

Ouvi algumas exclamações francesas. Depois, calaram. Ficaram como que subitamente entristecidos, contemplando o mar. O homem disse alguma coisa. Cada vez que uma onda se quebrava contra as pedras, eu dava dois ou três passos, rapidamente, aproximando-me. Eram francesas. A mulher mexeu a cabeça; não escutei o que disse, mas sem dúvida era uma negativa; tinha os olhos fechados e sorria com amargura ou com êxtase.

— Acredite, Faustine — disse o barbudo, com desespero mal contido, e fiquei sabendo o nome dela: Faustine. (Mas isso já perdeu toda a importância.)

— Não... já sei o que procura...

Sorria, sem amargura nem êxtase, frivolamente. Recordo que, naquele momento, a odiei. Brincava com o barbudo e comigo.

— Ê uma pena não nos entendermos. O prazo é curto: três dias e já não adiantará.

Não compreendo bem a situação. Este homem tem de ser meu inimigo.

Pareceu-me triste; não me [Página 44] espantaria que a sua tristeza fosse fingida. A de Faustine é insuportável, quase grotesca.

O homem quis diminuir a importância das suas palavras anteriores. Disse várias frases que tinham, aproximadamente, este sentido;

— Não é preciso preocupar-se. Não vamos discutir uma eternidade...

— Morel, — respondeu, bobamente, Faustine — sabe que o acho misterioso?

As perguntas de Faustine não conseguiram tirá-lo de um tom de brincadeira.

O barbudo foi buscar-lhe o lenço e a sacola, Estavam numa rocha, a poucos metros. Voltou sacudindo-os e dizendo:

— Não leve a sério o que lhe disse... Às vezes, penso que desperto a sua curiosidade... Mas não se zangue...

Na ida e na volta pisou no meu pobre jardinzinho. Ignoro se conscientemente ou com uma inconsciência irritante. Faustine viu, juro que viu, e não quis poupar-me essa injúria; continuou a interrogá-lo, sorridente, interessada, quase "entregue" pela curiosidade. Sua atitude parece-me ignóbil.

O jardinzinho é, sem dúvida, de péssimo gosto. Por que fazê-lo pisotear por um barbudo? Não estou já bastante pisoteado?

Mas, que se pode esperar de gente assim? O tipo de ambos corresponde ao ideal procurado pelos organizadores de séries de cartões postais indecentes.

Harmonizam: um barbudo pálido e uma vasta cigana de enormes olhos... Até creio tê-los visto nas melhores coleções do Pórtico Amarelo, em Caracas.

Apesar disso, cabe-me perguntar: Que devo pensar? Sem dúvida é uma mulher detestável. Mas, que será que ela quer? Talvez brinque comigo e com o barbudo; mas também é possível que o barbudo não seja mais do que um instrumento para brincar comigo. Fazê-lo sofrer não lhe importa. Talvez Morel não seja mais do que uma ênfase no seu prescindir de mim, e um sinal de que esse prescindir atingiu o seu ponto máximo e chega ao fim.

Mas, se não for assim... Faz já tanto tempo que não me vê... Creio que, se isso continuar, acabarei matando-a ou enlouquecendo. Há momentos em que penso que a extraordinária insalubridade da parte sul desta ilha me deve ter tornado invisível. Seria uma vantagem: poderia raptar Faustine sem qualquer perigo...

Ontem não fui até as rochas. Muitas vezes afirmei que hoje não iria. Pelo meio da tarde, soube que iria. Faustine não foi e quem sabe quando voltará?

Seu divertimento comigo terminou (com o pisotear do jardimzinho). Agora, a minha presença a entenderá como uma piada que fez graça uma vez e que alguém teima em repetir. Farei com que não se repita.

Mas, uma vez nas rochas, fiquei como louco. — A culpa é minha, — me dizia (de que Faustine não aparecesse) — por me ter decidido a não vir.

Subi à colina. Saí de trás de um grupo de plantas e me encontrei frente a dois homens e uma senho- [Página 46] ra. Estaquei, contive a respiração; entre nós não havia nada (cinco metros de espaço vazio e crepuscular). Os homens davam-me as costas; a senhora estava de frente, sentada, me olhando. Via-a estremecer. Bruscamente, virou-se, olhou na direção do museu. Escondi-me atrás de umas plantas. Ela disse, com voz alegre:

— Não é hora de histórias de fantasmas. Vamos para dentro.

Não sei, ainda, se realmente contavam histórias de fantasmas ou se os fantasmas surgiram na frase para anunciar a ocorrência de algo estranho (minha aparição).

Foram-se, Não muito longe, um homem e uma mulher caminhavam.

Temí que me surpreendessem. O casal aproximou-se mais. Ouvei uma voz conhecida:

— Hoje não fui ver...

(Tive palpitações. Achei que se referiam a mim.)

— Tens pena?

Não sei o que respondeu Faustine. O barbudo tinha feito progressos. Já se tratavam por *tu*.

Voltei aos baixios resolvido a aqui ficar até que o mar me leve. Se os intrusos vierem me buscar, não me entregarei, não fugirei.

Minha decisão de não aparecer diante de Faustine durou quatro dias (auxiliada por duas marés que me deram trabalho).

Fui bem cedo até as rochas. Depois, chegaram Faustine e o falso tenista.

Falavam corretamente fran- [Página 47] cês; demasiado corretamente, quase como sul-americanos.

— Perdi toda a sua confiança?

— Toda.

— Antes acreditava em mim.

Notei que já não se tratavam por *tu*; mas logo me lembrei de que as pessoas, quando começam a se tratar por *tu*, não podem evitar voltar de vez em quando a um tratamento mais cerimonioso. Talvez tenha pensado isso influenciado pela conversa que escutava. Tinha, também, essa idéia de volta ao passado mas relacionada com outros temas.

— E acreditaria em mim, se a levasse, por um momento, antes do cair da tarde, a Vincennes?

— Não poderia mais acreditar em você. Nunca.

— A influência do futuro sobre o passado — disse Morel, com entusiasmo e numa voz muito baixa.

Ficaram um instante em silêncio, contemplando o mar. Por fim, o homem falou, como que rompendo uma angústia opressora:

— Creia-me, Faustine...

Pareceu-me obstinado. Continuava rogando o mesmo que oito dias antes.

— Não... Já sei o que procura.

As conversas se repetem; são injustificáveis. O leitor não deve imaginar que está descobrindo o amargo fruto da minha situação; não deve, tampouco, comprazer-se com a fácil associação das palavras "perseguido", "solitário",

"misantropo". Eu estudei o tema antes do processo: as conversas são intercâmbio de notícias (exemplo: meteorológicas), de indignações ou [Página 48] alegrias (exemplo: intelectuais), já sabidas ou compartilhadas pelos interlocutores. Move-as todo o prazer de falar, de expressar acordos e desacordos.

Olhava-os, escutava-os. Senti que algo estranho estava acontecendo; não sabia o que era. Estava indignado com esse canalha ridículo.

— Se lhe dissesse tudo o que procuro...

— O insultaria?

— Ou nos entenderíamos. O prazo é curto. Três dias. É uma pena não nos entendermos.

Com lentidão na minha consciência, pontuais na realidade, as palavras e os movimentos de Faustine e do barbudo coincidiram com as suas palavras e os seus movimentos de havia oito dias. O atroz eterno retorno. Incompleto: meu jardimzinho, da outra vez mutilado pelos pés de Morel, é hoje um ponto apagado, com vestígios de flores mortas, achatadas contra a terra.

A primeira impressão me lisonjeou. Julguei ter feito a seguinte descoberta: nas nossas atitudes, tem de haver inesperadas, constantes repetições. A ocasião favorável permitiu-me observá-lo. Ser testemunha clandestina de várias entrevistas das mesmas pessoas não é comum. Como no teatro, as cenas se repetem.

Escutando Faustine e o barbudo, eu corrigia a minha recordação da conversa anterior (transcrita de memória algumas páginas atrás).

Receei que essa descoberta pudesse ser o mero efeito de uma languidez nas minhas recordações, ou da comparação de uma cena real e de uma simplificação por esquecimentos. [Página 49]

Depois, com urgente indignação, suspeitei de que tudo não passasse de uma representação burlesca, de uma brincadeira dirigida contra mim.

Devo uma explicação. Nunca duvidei que o conveniente era procurar que Faustine sentisse a nossa exclusiva importância (e que o barbudo não contava).

Não obstante, tinha começado a sentir vontade de castigar esse indivíduo, de me divertir com a idéia por desenvolver, de enfrentá-lo de maneira a ridícula-rizá-lo.

Tinha chegado a ocasião. Como aproveitá-la? Fiz um esforço para pensar (tomado, exclusivamente, pela raiva).

Imóvel, como se refletisse, fiquei esperando o momento de lhe impedir a passagem. O barbudo foi buscar o lenço e a sacola de Faustine. Voltou sacudindo-os, dizendo (como da outra vez):

— Não leve a sério o que lhe disse... Às vezes creio...

Estava a poucos metros de Faustine. Sai decidido a qualquer coisa, mas a nada em particular. A espontaneidade é fonte de grosserias. Indiquei o barbudo, como se o estivesse apresentando a Faustine, e disse-lhe, aos gritos:

— *La femme à barbe, Madame Faustine!* Não era uma piada feliz; nem sequer se sabia contra quem era dirigida.

O barbudo continuou caminhando para Faustine e não esbarrou em mim porque eu me desviei, [Página 50] bruscamente, para o lado. A mulher não interrompeu as perguntas; não interrompeu a alegria do seu rosto. Sua tranquilidade ainda me horroriza.

Desde esse momento até hoje à tarde, fiquei passado de vergonha, com vontade de me ajoelhar diante de Faustine. Não pude esperar o pôr do sol. Subi à colina, decidido a me perder e com um pressentimento de que, se tudo saísse bem, cairia numa cena de rogos melodramáticos. Estava enganado. O que acontece não tem explicação. A colina está desabitada.

Quando vi a colina desabitada, temi encontrar a explicação numa cilada que já estivesse funcionando. Sobressaltado, percorri todo o museu, escondendo-me por vezes. Mas bastava olhar para os móveis, para as paredes, como que revestidos de isolamento, para as paredes, como que ali não havia ninguém. Mais do que isso: para me convencer de que nunca tinha havido ninguém. É difícil, depois de uma ausência de quase vinte dias, poder afirmar que todos os objetos de uma casa de muitíssimos aposentos se encontram onde estavam quando a deixamos;

entretanto, aceito, como uma evidência para mim, que aquelas quinze pessoas (mais outras tantas de criadagem) não tenham deslocado um banco, um abajur ou — se mexeram em algo — tenham recolocado tudo no lugar, na posição que guardavam antes. Inspecionei a cozinha, a lavanderia: a comida que deixei, faz vinte dias, a roupa (roubada de um armário do museu), posta a [Página 51] secar faz vinte dias, estavam no mesmo lugar, a primeira podre, a segunda seca, mas ambas intatas.

Gritei, nessa casa vazia: Faustine! Faustine! Não houve resposta.

Há dois fatos — um fato e uma recordação — que agora relaciono e que superem uma explicação. Nos últimos tempos, eu me dedicara a experimentar novas raízes. Creio que no México os índios conhecem uma bebida preparada com suco de raízes — esta é a recordação (ou o esquecimento) —

que provoca delírios durante muitos dias. A conclusão (relacionada com a estada de Faustine e de seus amigos na ilha) é logicamente admissível; não obstante, eu' teria de estar brincando para levá-la a sério. Parece que estou brincando: perdi Faustine e atenho-me à apresentação destes problemas para um hipotético observador, para um terceiro.

Mas me lembrei, incrédulo, da minha condição de fugitivo e do poder infernal da justiça. Talvez fosse tudo um desmedido estratagema. Não devia me deixar abater, não devia diminuir a minha capacidade de resistir: a

"catástrofe" poderia ser bem horrível.

Inspecionei a capela, os porões. Resolvi percorrer toda a ilha, antes de me deitar. Fui até as rochas, aos capinzais da colina, às praias, aos baixios (por um excesso de prudência). Tive de aceitar que os intrusos não estavam mais na ilha.

Quando voltei ao museu, era quase de noite. Estava nervoso. Desejava a claridade da luz elétrica. Experimentei muitos interruptores; não havia luz.

Com [Página 52] isto parece confirmada a minha opinião de que as marés é que proporcionam energia aos motores (por meio desse moinho hidráulico que há nos baixios). Os intrusos esbanjaram luz. Desde as duas marés passadas, houve um prolongado intervalo de calmaria. Terminou nessa mesma tarde, assim que entrei no museu. Tive de fechar tudo; parecia que o vento e o mar iam destruir a ilha.

No primeiro porão, entre motores agigantados pela penumbra, sentime

peremptoriamente abatido. O esforço indispensável para me suicidar era supérfluo, já que, desaparecida Faustine, nem sequer me ficava a anacrônica satisfação da morte.

Por um vago compromisso, para justificar a descida, tentei pôr em funcionamento o gerador de luz. Após leves explosões, a calma interior voltou a se estabelecer, entre uma tempestade que movia os ramos de um cedro contra a vidraça espessa da clarabóia.

Não me lembro de como saí dali. Ao chegar em cima, ouvi um motor; a luz, com oblíqua velocidade; tomou conta de tudo e me colocou diante de dois homens: um, vestido de branco, outro de verde (um cozinheiro s um criado).

Não sei qual deles perguntou (em espanhol):

— Quer me dizer por que escolheu este lugar perdido?

— Ele deve saber (também em espanhol). [Página 53]

Depois, com urgente indignação, suspeitei de vos aparecidos (do meu cérebro castigado por carências, tóxicos e sóis, ou desta ilha tão mortal) eram ibéricos e aquelas frases me faziam concluir que Faustine não tinha regressado.

Continuavam falando com voz tranqüila, como se não tivessem ouvido os meus passos, como se eu não estivesse ali.

— Não o nego; mas, como é que Morel teve a idéia...?

Foram interrompidos por um homem, que disse, iradamente:

— Até quando teremos de esperar? A comida está pronta faz uma hora.

Olhou-os fixamente (tão fixamente que me perguntei se não lutaria contra uma inclinação para me olhar) e, em seguida, desapareceu, gritando. O cozinheiro foi atrás dele; o criado correu em direção oposta.

Eu fazia esforços para me acalmai-, mas tremia. Soou um gongo. Minha vida passou por momentos em que até os heróis teriam aceito o medo. Creio que nem agora estariam tranqüilos. Mas então o horror se acumulou. Por sorte, durou pouco. Lembrei-me desse gongo. Tinha-o ouvido muitas vezes no salão de jantar. Quis fugir. Fiquei mais calmo. Fugir verdadeiramente era impossível.

A tempestade, o bote, a noite... Se a tempestade houvesse cessado, não teria sido menos horrível internar-me no mar, nessa noite sem luar. Além disso, o bote não

agüentaria flutuar muito tempo... Quanto aos baixios, sem dúvida estavam inundados. Minha fuga teria terminado muito perto. [Página 54]

Mais valia escutar; vigiar os movimentos daquela gente; esperar.

Olhei em volta e me escondi (sorrindo para demonstrar a minha suficiência) num quartinho que há debaixo da escada. Isto (pensei depois) foi muito precipitado. Se me tivessem procurado, sem dúvida teriam revistado debaixo da escada. Fiquei um bocado sem pensar, muito calmo, mas ainda confuso.

Não via solução para dois problemas:

Como teriam chegado à ilha? Com aquela tempestade, nenhum capitão se teria atrevido a aproximar-se; imaginar um trasbordo e um desembarque por meio de botes era absurdo.

Quando teriam chegado? A comida já estava pronta havia algum tempo; não fazia um quarto de hora que eu tinha descido até os motores que não havia ninguém na ilha.

Tinham falado em Morel. Tratava-se, certamente, de uma volta das mesmas pessoas. É provável, pensei, com palpitações, que vá rever Faustine.

Saí do meu esconderijo, pressentindo uma detenção brusca, o fim das minhas perplexidades.

Não havia ninguém.

Subi a escada, avancei pelos corredores do primeiro andar; de uma das quatro sacadas, entre folhas escuras e uma divindade de barro cozido, assomei à sala de jantar. [Página 55]

Havia pouco mais de uma dúzia de pessoas sentadas à mesa. Imaginei que seriam turistas neozelandeses ou australianos; pareciam estar instalados, não irem embora tão cedo.

Recordo-me bem: vi o grupo, comparei-o aos turistas, descobri que não pareciam estar ali de passagem e só então pensei em Faustine. Procurei-a e logo a encontrei. Tive uma boa surpresa: o barbudo não estava a seu lado; uma alegria precária: o barbudo não estava presente (antes de acreditar nela, vi-o em frente de Faustine).

As conversas eram lânguidas. Morel sugeriu o tema da imortalidade.

Falou-se de viagens, festas, métodos (de alimentação). Faustine e uma jovem loura falaram de remédios. Alec, um rapaz escrupulosamente penteado, com tipo oriental e olhos verdes, tentou falar dos seus negócios de lãs, sem obstinação nem êxito. Morel entusiasmou-se, projetando uma quadra de vôlei ou de tênis para a ilha.

Conheci um pouco mais os habitantes do museu. À esquerda de Faustine havia uma mulher — Dora? — de cabelos louros, ondulados, muito risonha, com a cabeça grande e levemente curvada para a frente, como um cavalo brioso. Do outro lado havia um homem jovem, moreno, de olhos vivos e cenho carregado de concentração e cabelo. Depois, havia uma moça alta, de peito afundado, braços extremamente longos e expressão de nojo. Chama-se Irene. A seguir, a que disse *não é hora de contar histórias de fantasmas*, na noite em que subi à colina. Não me lembro dos outros. [Página 56]

Quando eu era criança, brincava de fazer descobertas nas ilustrações dos meus livros: olhava-as minuciosamente e iam aparecendo objetos sem fim. Fiquei um momento, contrariado, olhando os painéis com mulheres, tigres ou gatos de Fujita.

Os comensais dirigiram-se ao *hall*. Durante muito tempo, com demasiado terror — meus inimigos estavam ou no salão ou no porão (o pessoal) — descí pela escada de serviço até a porta escondida atrás do biombo. A primeira coisa que vi foi uma mulher que tricotava perto de um dos cálices de alabastro; essa mulher, que se chama Irene, e outra, dialogando; procurei mais e, com risco de ser descoberto, avistei Morel numa mesa, jogando cartas com cinco pessoas; a moça que estava de costas era Faustine; a mesa era pequena, os pés estavam aglomerados e passei alguns minutos, talvez muitos, insensível a tudo, tentando averiguar se os pés de Morel e de Faustine se tocavam. Esta lamentável ocupação desapareceu completamente, foi substituída pelo horror que me deixaram o rosto vermelho e os olhos muito redondos de um criado que ficou um momento me olhando e depois entrou no salão. Ouvi passos. Afastei-me, correndo. Escondi-me entre a primeira e a segunda filas de colunas de alabastro, no salão redondo, sobre o aquário. Debaixo de mim nadavam peixes idênticos aos que tinha tirado, podres, dias após a minha chegada. [Página 57]

Já tranqüilo, aproximei-me da porta. Faustine, Dora — sua companheira de mesa — e Alec subiam a escada. Faustine movia-se com estudada lentidão.

Por aquele corpo interminável, por aquelas pernas demasiado longas, por aquela

idiota sensualidade, eu expunha a calma, o Universo, as recordações, a ansiedade tão vivida, a riqueza de conhecer os costumes das marés e mais de uma raiz inofensiva.

Segui-os. De repente, entraram num quarto. Em frente, encontrei uma porta aberta, um quarto iluminado e vazio. Entrei com todo o cuidado. Sem dúvida, alguém que deveria ter estado ali se esquecerera de apagar a luz. O

aspecto da cama e da penteadeira, a ausência de livros, de roupa, da mais leve desordem, garantiam que ninguém o habitava.

Inquietei-me, quando os outros moradores do museu se dirigiram para os seus quartos. Ouvi os passos na escada e quis apagar a minha luz, mas foi impossível: o interruptor tinha emperrado. Não insisti. Teria chamado a atenção uma luz se apagando ali.

Se não fosse por causa desse interruptor talvez tivesse adormecido, levado pela fadiga, pelas muitas luzes que via apagarem-se por debaixo das portas (e pela tranquilidade que me dava a presença da mulher cabeçuda no quarto de Faustine). Previ que, se alguém passasse pelo corredor, entraria no meu quarto para apagar a luz (o resto do museu estava às escuras). Talvez isso fosse inevitável, mas não era muito perigoso. Vendo que o interruptor estava emperrado, a pessoa se iria, para não incomodar os outros. Bastava que eu me escondesse. [Página 58]

Pensava em tudo isto, quando apareceu a cabeça de Dora. Seus olhos passaram por mim. Foi-se embora sem procurar apagar a luz.

Assaltou-me um medo quase convulsivo. Antes de sair, percorri a casa, imaginariamente, à procura de um esconderijo seguro. Custava-me deixar aquele quarto, que permitia vigiar a porta de Faustine. Sentei-me na cama e adormeci. Um pouco depois, vi Faustine em sonhos. Entrou no quarto.

Aproximou-se. Acordei. Não havia luz. Procurei não me mover, começar a ver na escuridão, mas a respiração e o sobressalto eram impossíveis de conter.

Levantei-me, fui até o corredor, escutei o silêncio que sucedera à tempestade: nada o interrompia.

Comecei a caminhar pelo corredor, a sentir que inesperadamente se abriria uma porta e eu ficaria em poder de mãos brucas, de uma voz inamovível, sarcástica. O mundo estranho com que andava, nos últimos dias, preocupado, minhas conjecturas e minhas ânsias, Faustine, não teriam sido mais do que efêmeros

trâmites da prisão e do patíbulo. Desci a escada, no escuro, cautelosamente. Cheguei a uma nova porta e quis abri-la; impossível; nem sequer consegui remover o ferrolho (conhecia essas fechaduras que têm ferrolho, mas não compreendo o sistema das janelas: não têm fechadura e os ferrolhos estavam trancados). Já me estava convencendo da impossibilidade de sair, o que aumentava o meu nervosismo e — talvez por isso e pela impotência em que me colocava a falta de luz — até as portas internas se tornavam intransponíveis. Uns passos na escada de serviço apressaram-me. [Página 59] Não soube sair do quarto. Caminhei sem fazer ruído, guiado por uma parede, até um dos enormes cálices de alabastro; com esforço e grande risco, esgurei-me para dentro dele.

Estive muito tempo encostado, inquieto, contra a superfície escorregadia do alabastro e a fragilidade da lâmpada. Perguntei-me se Faustine teria ficado a sós com Alec ou se um deles teria saído com Dora, antes ou depois.

Esta manhã, despertaram-me as vozes de uma conversa (eu estava demasiado fraco e adormecido para poder escutar), Depois, não se ouviu mais nada.

Queria estar fora do museu. Comecei a erguer-me, temeroso de escorregar e quebrar a enorme lâmpada, de que alguém visse aparecer a minha cabeça. Com extrema languidez, laboriosamente, desci do jarrão de alabastro.

Esperando que meus nervos se acalmassem um pouco, ocultei-me atrás das cortinas. Estava tão fraco, que não podia movê-las; pareciam-me rígidas e pesadas como as cortinas de pedra que há em alguns túmulos. Imaginei, dolorosamente, sofisticados pães e outros manjares próprios da civilização: na copa, por certo, os encontraria. Tive desmaios superficiais, vontade de rir; sem medo, avancei até o saguão da escada. A porta estava aberta. Não havia ninguém. Entrei na copa, com uma temeridade que me fazia sentir orgulhoso.

Ouvi passos. Quis abrir uma porta que dá para fora e de novo deparei com um desses ferrolhos inexoráveis. Pela escada de serviço descia alguém. Corri para a entrada. Pela porta aberta, pude ver parte de uma cadeira de palha e [Página 60] de umas pernas cruzadas. Voltei em direção à escada principal; também lá ouvi passos. Havia gente na sala de jantar. Entrei no salão, vi uma janela aberta e, quase ao mesmo tempo, Irene e a mulher que, tardes antes, falara de fantasmas, por um lado e, pelo outro, o jovem de cenho carregado e cabeludo, com um livro aberto, caminhando para mim e declamando poesias francesas.

Dtive-me; passei, teso, entre eles; quase os rocei; atirei-me pela janela e, com as pernas doloridas pela queda (são quase três metros da janela até o gramado) corri barranco abaixo, tropeçando, sem reparar se alguém me olhava.

Preparei um pouco de comida. Devorei com entusiasmo e, depois, sem vontade.

Agora, quase não tenho dores. Estou mais calmo. Penso, embora pareça absurdo, que talvez não me tenham visto no museu. O dia inteiro passou e ninguém veio me buscar. Dá medo aceitar tanta sorte, Tenho um dado que pode servir aos leitores deste diário para saberem a data da segunda aparição dos intrusos: as duas luas e os dois sóis foram visíveis no dia seguinte. Poderia tratar-se de uma aparição local; não obstante, parece-me mais provável que seja um fenômeno de espelhismo, provocado pela lua ou pelo sol, mar e ar, e visível, sem dúvida, desde Rabaul e toda esta zona. Notei que esse segundo sol — talvez imagem de outro — é muito mais violento. Parece-me que entre ontem e anteontem houve um au- [Página 61] mento infernal de temperatura. É como se o novo sol tivesse trazido um extremado verão à primavera. As noites são muito brancas: há como que um reflexo polar vagando pelo ar. Mas imagino que as duas luas e os dois sóis não tenham muito interesse; devem ter chegado a toda a parte, pelo céu ou por informações mais doutas e completas. Não os menciono para lhes atribuir valor de poesia ou de curiosidade, e sim para que os meus leitores, que recebem jornais e festejam aniversários, datem estas páginas.

Estamos vivendo as primeiras noites com duas luas. Mas já se viram dois sóis. Conta-o Cícero em *De Natura Deorum*:

Tum sole quod ut e patre audivi Tuditano et Aquilio consulibus evenerat.

Não creio ter citado mal. M. Lobre, no Instituto Miranda, fez-nos aprender de cor as primeiras cinco páginas do Livro Segundo e as últimas três do Livro Terceiro. Não conheço nada mais da *Natureza dos deuses*.

Os intrusos não me vieram buscar. Vejo-os aparecer e desaparecer nas beiras da colina. Talvez por alguma imperfeição da alma (e a infinidade de mosquitos), tive saudades da véspera, de quando estava [Página 62]

1. Engana-se. Omite a palavra mais importante: *geminato* (de *genimatus*, geminado, duplicado, repetido, reiterado). A frase é: ...; *tum sole geminato, quod, ut e patre audivi, Tuditano et Aquilio consulibus evenerat; quo quidem anno P. Africanus sol alter extinctus est: ...*. Tradução (da versão para o espanhol) de Menéndez y Pelayo: *Os dois sóis que, segundo ouvi de meu pai, se viram no Consulado de Tudítane e Aquílio; no mesmo ano em que se extinguiu aquele outro sol de Públio Africano — 183 a.C. (N. da edição original).*

sem esperanças de Faustine e não nessa angústia. Tive saudades desse momento em que me senti, outra vez, instalado no museu, dono da subordinada solidão.

Recordo agora o que pensava anteontem à noite, naquele quarto insistentemente iluminado. A natureza dos intrusos, das relações que tive com eles.

Tentei várias explicações:

Que eu esteja atacado pela famosa peste; seus efeitos sobre a imaginação: as pessoas, a música, Faustine; no corpo: possíveis lesões horríveis, sinais da morte, que os efeitos anteriores não me deixam ver.

Que o ar pervertido dos baixios e uma alimentação deficiente me tenham tornado invisível. Os intrusos não me viram (ou possuem uma disciplina sobre-humana; descartei secretamente, com a satisfação de agir com habilidade, toda suspeita de simulação organizada, policial). Objeção: não sou invisível para os pássaros, os lagartos, as ratazanas, os mosquitos.

Ocorreu-me (precariamente) que talvez se tratasse de seres de outra natureza, de outro planeta, com olhos, mas não para ver, com orelhas, mas não para ouvir. Lembrei-me de que falavam um francês correto. Estendi a monstruosidade anterior: que esse idioma fosse um atributo paralelo entre os nossos mundos, dedicado a diferentes fins.

Cheguei à quarta hipótese pela aberração de contar sonhos. Ontem sonhei o seguinte: [Página 63]

Estava num manicômio. Após uma longa consulta (o processo?) com um médico, minha família tinha-me levado para lá. Morel era o diretor. Por momentos, sabia que estava na ilha; por momentos, julgava estar no manicômio; por momentos, era o diretor do manicômio.

Não creio indispensável tomar um sonho por realidade, nem a realidade por loucura.

Quinta hipótese: os intrusos seriam um grupo de amigos mortos; eu, um viajante, como Dante ou Swedenborg, ou senão outro morto, de outra casta, num momento diferente da sua metamorfose; esta ilha, o purgatório ou o céu daqueles mortos (fica enunciada a possibilidade de vários céus; se houvesse apenas um e todos fossem para lá e nos aguardasse um casal encantador e todas as suas quartas-feiras literárias, muitos já teríamos deixado de morrer).

Entendia agora por que razão os novelistas falam em fantasmas queixosos. Os mortos continuam entre os vivos. Custa-lhes mudar de costumes, renunciar ao fumo, ao prestígio de violadores de mulheres. Senti horror (pensei, com teatralidade interior) de *se* invisível; horror de que Faustine, tão próxima, estivesse em outro planeta (o nome de Faustine me fez ficar melancólico); mas eu estou morto, estou fora do alcance (verei Faustine, vê-la-ei partir e os meus achenos, as minhas súplicas, os meus atentados não alcançarão); aquelas soluções horríveis são esperanças frustradas.

O manejo destas idéias dava-me uma consistente euforia. Acumulei provas que mostravam a minha [Página 64] relação com os intrusos como uma relação entre seres em diferentes planos. Nesta ilha, poderia ter havido uma catástrofe imperceptível para os seus mortos (eu e os animais que a habitavam); depois, teriam chegado os intrusos.

Que eu estivesse morto! Quanto me entusiasmei essa idéia (vaidosamente, literariamente).

Recapitulei a minha vida. A infância, pouco estimulante, com as tardes no Baseo del Paraíso; os dias anteriores à minha detenção, como que alheios; minha longa fuga; os meses que levo nesta ilha. A morte tinha duas oportunidades para se entrever ar na minha história. Nos dias anteriores à chegada da polícia ao meu quarto da pensão hedionda e rosada, em Oeste 11, frente à Pastora (o processo tivera sentença definitiva; a fuga e as viagens, a viagem para o céu, para o inferno ou o purgatório). A outra ocasião para a morte fora na viagem de bote. O sol me desfazia o crânio e, embora tenha remado até aqui, devo ter perdido a consciência muito antes de chegar. Todas as recordações desses dias são vagas, à exceção de uma claridade infernal, de um vaivém e do ruído da água, de um sofrimento maior do que todas as nossas reservas de vida.

Havia muito que pensava nisto, de modo que já estava um pouco farto e continuei com menos lógica: não morreria enquanto não tinham aparecido os intrusos; na solidão, é impossível estar morto. Para ressuscitar, devo suprimir as testemunhas. Será um extermínio fácil. Não existo: não suspeitarão da sua destruição. [Página 65]

Estava pensando em outra coisa, num incrível projeto de raptio privadíssima, como que de sonho, que ia contar apenas para mim.

Em momentos de extrema ansiedade, imaginei estas explicações injustificáveis, vãs. O homem e a cópula não suportam longas intensidades.

Isto é um inferno. Os sóis oprimem. Não me sinto bem. Comi uns bulbos parecidos com nabos, muito fibrosos.

Os sóis estavam em cima, um mais do que o outro e, de repente (creio ter olhado para o mar, até esse momento), apareceu um navio muito perto, entre os recifes. Foi como se eu tivesse adormecido (até as moscas voam dormindo, sob este sol duplo) e acordasse, segundos ou horas depois, sem me dar conta de que tinha dormido ou de que estava despertando. O navio era de carga, branco.

"Minha sentença", pensei, indignado. "Sem dúvida vêm explorar a ilha". A chaminé, amarela (como nos navios da Royal Mail e da Pacific Line), altíssima, apitou três vezes. Os intrusos afluíram à beira da colina. Algumas mulheres acenaram com lenços.

O mar não se movia. Desceram do navio numa lancha. Levaram quase uma hora para fazer o motor funcionar. Desembarcou na ilha um marinheiro vestido de oficial ou comandante. Os demais voltaram para bordo. [Página 66]

O homem subiu o morro. Fiquei curioso e, apesar das dores e dos bulbos, difíceis de assimilar, subi pelo outro lado. Vi-o cumprimentar respeitosamente.

Perguntaram-lhe se tinha feito boa viagem; se tinha "conseguido tudo" em Rabaul. Eu estava atrás de um fênix moribundo, sem medo de ser visto (parecia-me inútil esconder-me). Morel conduziu o homem até um banco.

Conversaram.

Já sabia o que pensar daquele navio. Devia ser dos intrusos ou de Morel.

Tinha vindo para levá-los.

"Tenho três possibilidades", pensei. "Raptá-la, meter-me no barco, deixá-la partir".

"Virão procurá-la; mais cedo ou mais tarde acabarão por nos encontrar se eu a raptar. Não haverá, em toda a ilha, um lugar onde a possa esconder?"

Lembro-me de que fazia cara de dor para me obrigar a pensar.

Ocorreu-me, também tirá-la do seu quarto às primeiras horas da noite e ir os os

dois, remando, no bote em que vim de Rabaul. Mas, para onde? Acaso se repetiria o milagre dessa viagem? Como me orientaria? Lançar-me à sorte com Faustine compensaria os sacrifícios demasiado longos que passaria nesse bote, em meio do oceano? Ou demasiado breves: possivelmente, a poucos metros da costa afundaríamos.

Se conseguisse subir a bordo, seria descoberto. Restava a possibilidade de falar, de pedir que chamassem Faustine ou Morel e explicar-lhes a minha situação. Talvez houvesse tempo — se a minha história caísse mal — de me matar ou de fazer com que me [Página 67] matassem antes de chegar ao primeiro porto dotado de prisão.

"Tenho de me decidir", pensei.

Um homem alto, robusto, de rosto queimado, barba mal feita, negra, e maneiras afeminadas, aproximou-se de Morel e disse-lhe:

— Está ficando tarde. Ainda temos que nos preparar.

Morel retrucou:

— Um momento.

O comandante levantou-se; Morel soergueu-se e continuou a falar, apressadamente. Deu-lhe umas palmadas nas costas e voltou-se para o gordo, enquanto o outro o cumprimentava, perguntando-lhe:

— Vamos?

O gordo olhou, sorrindo inquisitivamente, para o rapaz de cabelo preto e cenho carregado, e repetiu:

— Vamos?

O rapaz faz que sim.

Os três correram na direção do museu, prescindindo das senhoras. O

comandante aproximou-se deles, sorrindo cortesmente. O grupo seguiu, lentamente, os três homens.

Eu não sabia o que fazer. A cena, embora ridícula, pareceu-me alarmante.

Para que se iriam preparar? Não estava comovido. Pensei que, se os tivesse visto

partir com Faustine, também teria deixado consumir-se o preparado horror, passivo, ligeiramente nervoso.

Por sorte, não chegara ainda o momento. A barba e as pernas magras de Morel surgiram ao longo. [Página 68] Faustine, Dora, a mulher que vira uma noite contando histórias de fantasmas, Alec e os três homens que tinham estado conversando, desciam rumo à piscina, em roupa de banho. Corri de uma planta para a outra, a fim de ver melhor. As mulheres trotavam, sorridentes; os homens davam pulos, como para combater um frio inconcebível neste regime de dois sóis. Previa a desilusão que teriam ao chegarem à piscina. Desde que não a troco, a água está impenetrável (pelo menos para uma pessoa normal): verde, opaca, espumosa, com grandes matas de folhas que cresceram monstruosamente, com pássaros mortos e, sem dúvida, víboras e sapos vivos.

Seminua, Faustine é ilimitadamente bela. Tinha essa alegria dos encantados, um pouco boba, das pessoas quando se banham em público. Foi a primeira a mergulhar. Ouvi-os rir e agitar a água.

Dora e a mulher de idade saíram primeiro. A velha, com muitos movimentos de braço, contou: — Um, dois, três.

Os outros, sem dúvida, apostavam corrida. Os homens saíram exaustos.

Faustine ficou mais um pouco na água.

Entretanto, os marinheiros tinham desembarcado. Percorriam a ilha.

Escondi-me entre uns bosques de palmeiras.

Contarei fielmente os fatos que presenciei entre ontem à tarde e a manhã de hoje, fatos inverossímil- [Página 69] meis, que não foi sem trabalho que a realidade terá produzido... Agora, parece que a verdadeira situação não é a descrita nas páginas anteriores; que a situação que estou vivendo não é a que creio viver.

Quando os banhistas se foram vestir, resolvi vigiar dia e noite. No entanto, depressa considerei essa medida injustificada.

Já me ia embora, quando apareceu o rapaz do sobrolho carregado e do cabelo preto. Um minuto depois, surpreendi Morel espiando, escondido numa janela. Morel desceu a escadaria. Eu não estava longe e pude ouvi-lo.

— Não quis falar na frente das pessoas. Vou lhe propor uma coisa, a você e a

alguns outros.

— Proponha.

— Aqui, não — disse Morel, olhando, com desconfiança, para as árvores.

— Esta noite. Quando todos se recolherem, fique.

— Morto de sono?

— Melhor. Quanto mais tarde, melhor. Mas, acima de tudo, seja discreto.

Não quero que as mulheres saibam. A histeria me dá histeria. Até logo.

Afastou-se, correndo. Antes de entrar na casa, olhou para trás. O rapaz começava a subir o morro, mas foi detido pelos gestos de Morel. Deu um passeio curto, com as mãos nos bolsos, assobiando' rudimentarmente.

Procurei pensar no que vira, mas não tinha vontade. Estava preocupado.

Transcorreu aproximadamente um quarto de hora. [Página 70]

Outro barbudo grisalho, gordo, que ainda não mencionei neste diário, surgiu na escadaria, olhou ao longe, ao redor. Desceu e ficou diante do museu, imóvel, aparentemente inquieto.

Morel voltou e falaram um minuto. Ouvi:

— ... e se eu lhe dissesse que todos os seus atos e as suas palavras estão registrados?

— Não me incomodaria.

Pensei que talvez tivessem descoberto o meu diário. Resolvi ficar alerta.

Impedir as tentações da fadiga e da distração. Não me deixar surpreender.

O gordo ficou de novo só, indeciso. Morel apareceu com Alec (jovem oriental e verde-negro). Afastaram-se os três.

Saíram, então, homens e criados carregando cadeiras de vime, que colocaram à sombra de uma árvore de fruta-pão, grande e enferma (vi alguns exemplares menos desenvolvidos, numa velha quinta, em Los Teques). As senhoras

ocuparam as cadeiras; à sua volta, os homens se deitaram na grama.

Lembrei-me das tardes na minha pátria.

Faustine dirigiu-se para as rochas. Incomoda gostar tanto desta mulher (e é ridículo: nunca nos falamos). Estava com uma roupa de tênis e um lenço, quase violeta, na cabeça. Como recordarei esses lenços, quando Faustine tiver partido!

Senti vontade de me oferecer para lhe carregar a sacola ou a manta.

Segui-a de longe; vi-a pousar a sacola numa rocha, estender a manta; ficar imóvel, contemplando o mar ou a tarde, impondo-lhes a sua calma. [Página 71]

Ia-se a última oportunidade de ter sorte com Faustine. Poderia ajoelhar-me, confessar-lhe a minha paixão, a minha vida. Não fiz nada disso. Não me pareceu hábil. É verdade que as mulheres recebem naturalmente qualquer homenagem. Porém mais valia deixar que a situação se esclarecesse por si só.

Provoca suspeitas um desconhecido que nos conta a sua vida, nos diz espontaneamente que esteve preso, condenado à prisão perpétua e que somos a sua razão de existir. Temos que tudo não passe de chantagem para vender uma lapiseira gravada com *Bolívar-1783-1830* ou uma garrafa com um veleiro dentro. Outro sistema seria falar-lhe olhando para o mar, como um louco muito simples e contemplativo: comentar os dois sóis, o nosso amor pelos poentes; esperar pelas suas perguntas; contar-lhe, de qualquer maneira, que sou escritor, que sempre quis viver numa ilha solitária; confessar a irritação que senti ao ver chegar os seus amigos; falar-lhe do meu confinamento na parte inundável da ilha (o que permitiria amenas explicações dos baixios e suas calamidades) e, assim, chegar à declaração: agora, temo que se vão embora, que venha um crepúsculo sem a doçura, já habitual, de vê-la.

Levantou-se. Fiquei nervosíssimo (como se Faustine tivesse ouvido o que eu estava pensando, como se a tivesse ofendido). Foi buscar um livro que tinha deixado, meio saído de uma sacola, sobre outra rocha, a uns cinco metros de distância. Voltou a sentar-se. Abriu o livro, pousou a mão numa folha e ficou como que adormecida, contemplando a tarde. [Página 72]

Quando o mais fraco dos dois sóis se pôs, Faustine levantou-se novamente. Seguiu-a... corri, ajoelhei-me e disse-lhe, quase gritando:

— Faustine, amo-a.

Fiz isto porque pensei que talvez o mais conveniente fosse tirar partido da inspiração, deixá-la impor a sua notável sinceridade. Ignoro o resultado. O

ruido de passos e uma sombra densa afugentaram-me. Escondi-me atrás de uma palmeira. A respiração, alteradíssima, quase não me deixava escutar.

Morel dizia que precisava falar-lhe. Faustine respondeu:

— Bem, vamos até o museu (isto eu ouvi claramente) .

Discutiram. Morel opunha-se:

— Quero aproveitar esta ocasião... fora do museu e dos olhares dos nossos amigos.

Ouvi-o dizer, também: "colocar-te de sobreaviso; és uma mulher diferente; domínio dos nervos".

Posso afirmar que Faustine se negou obstinadamente a ficar. Morel insistiu:

— Esta noite, quando todos se retirarem, faz o favor de ficar.

Caminhavam entre as palmeiras e o museu. Morel falava muito e fazia gestos. A certa altura, segurou o braço de Faustine. Depois, continuaram a andar, em silêncio.

Quando os vi entrar no museu, pensei que devia preparar alguma coisa para comer, de modo a me sentir bem toda a noite e poder vigiar. [Página 73]

Chá para Dois e Valentia persistiram até depois da madrugada. Apesar dos meus propósitos, comi pouco. Ver as pessoas ocupadas preparando o baile, ver e provar as folhas viscosas, as raízes com sabor a terra, os bulbos como novelos de fios raros e duros, não foram argumentos ineficazes para convencer-me a entrar no museu e procurar pão e outros verdadeiros comestíveis.

Entreí pela carvoaria, à meia-noite. Havia criados na copa, na despensa.

Resolvi esconder-me, esperar que todo mundo se retirasse. Poderia ouvir, talvez, o que Morel proporia a Faustine, ao rapaz do sobrolho, ao gordo, ao verde-negro Alec. Depois, roubaria alguns alimentos e procuraria um jeito de sair dali.

Na realidade, a declaração de Morel não me importava grandemente.

Angustiava-me era o navio perto da praia; a fácil, a irremediável partida de Faustine.

Ao passar pelo salão, vi um fantasma do Tratado de Belidor, que levava quinze dias antes; estava na mesma mísula de mármore verde, no mesmo lugar da mísula de mármore verde. Apalpei o bolso; puxei do livro; comparei-os: não eram dois exemplares do mesmo livro e sim duas vezes o mesmo exemplar; com a tinta azul-clara corrida, envolvendo numa nuvem a palavra PERSE; com o rasgão oblíquo no canto de baixo, de fora... Falo de uma identidade exte-

[Página 74] rior... Nem sequer pude tocar no livro que estava sobre a mísula.

Escondi-me precipitadamente, para que não me descobrissem (primeiro, umas mulheres; depois, Morel). Passei pelo salão do aquário e escondi-me no quarto verde, no biombo (formava como que uma casinha). Por uma fresta, podia ver o salão do aquário.

Morel dava ordens:

— Aqui, coloca uma mesa e uma cadeira. Puseram as outras cadeiras em fila, diante da mesa, como numa sala de conferências.

Muito tarde, foram entrando quase todos. Houve um certo estrépito, alguma curiosidade, um ou outro sorriso; predominava a paz dissimulada do cansaço.

— Ninguém pode faltar — disse Morel — Enquanto não chegarem todos, não começarei.

— Falta a Jane.

— Falta a Jane Gray.

— Não é para menos.

— É preciso chamá-la.

— Quem é que a tira agora da cama?

— Não pode faltar.

— Está dormindo.

— Não começo enquanto ela não vier.

— Vou buscá-la — disse Dora.

— Vou com você — disse o rapaz das sobrancelhas espessas.

Quis transcrever fielmente esta conversa, se agora não parece natural, a culpa é da arte ou da memória. Foi natural. Vendo essa gente, escutando essa

[Página 75] conversa, ninguém podia esperar um espetáculo de mágica, nem a negação da realidade, que veio depois (embora tudo se passasse sobre um aquário iluminado, sobre peixes rabudos e liquens, entre um bosque de colunas negras).

Morel falou, para umas pessoas que não consegui ver:

— É preciso procurá-lo por toda a casa. Vi-o entrar neste quarto, há um bocado de tempo.

De quem estava falando? Julguei que o meu interesse pela conduta dos intrusos ficaria definitivamente satisfeito.

— Percorremos toda a casa — disse uma voz rude.

— Não importa. Tragam-no — replicou Morel. Achei que estava encurralado. Quis sair. Contive-me.

Lembrara-me de que as salas de espelhos eram infernos de famosas torturas. Começava a sentir calor.

Logo após, voltaram Dora e o rapaz, com uma mulher velha, alcoolizada (que eu já tinha visto na piscina). Vinham, também, dois indivíduos, aparentemente criados, que se ofereciam para ajudar; aproximaram-se de Morel e um deles disse:

— É impossível fazer qualquer coisa. (Reconheci a voz rude de há pouco).

Dora gritou para Morel:

— Haynes está dormindo no quarto de Faustine. Ninguém será capaz de tirá-lo de lá.

Falavam de Haynes? Não pensei que as palavras de Dora e a conversa de Morel pudessem relacionar-se com os homens: Falavam em procurar alguém e eu estava assustado, disposto a descobrir em tudo alusões ou ameaças. Agora penso que talvez nunca tenha ocupado a atenção desta gente...

Mais do que isso: agora, sei que não podem procurar-me.

Estou certo? Um homem sensato acreditaria no que ouvi ontem à noite, no que imagino saber? Aconselharia-me a esquecer o pesadelo de ver em tudo uma máquina organizada para me capturar?

E se fosse uma máquina para me capturar, por que tão complicada? Por que não me detinham diretamente? Não seria uma loucura essa laboriosa representação?

Nossos hábitos supõem uma maneira das coisas acontecerem, uma vaga coerência do mundo. Agora, a realidade se me propõe mudada, irreal. Quando um homem desperta ou morre, demora em desfazer-se dos terrores do sonho, das preocupações e das manias da vida. Agora vai me custar perder o costume de temer esta gente.

Morel segurava umas folhas de papel de seda amarelo, escritas a máquina. Tirou-as de uma caixa de madeira que estava sobre a mesa. Na caixa havia muitas cartas presas com grampos a recortes de anúncios de *Yachting* e *Motor Boating*. Pediam preços de barcos velhos, condições de venda, informações para ir vê-los. Vi algumas.

— Haynes que fique dormindo — disse Morel. — Pesa muito e, se vão buscá-lo, nunca mais começaremos. [Página 77]

Morel estendeu os braços e disse, com voz entrecortada:

— Preciso declarar-lhes algo. Sorriu nervosamente:

— Nada de grave. Para ser bem exato resolvi ler. Por favor, escutem: (Começou a ler as páginas amarelas que insiro nesta pasta. Esta manhã, quando fugi do museu, estavam em cima da mesa, onde as apanhei.)¹

1. Para maior clareza, julgamos conveniente pôr entre aspas o que estava escrito a máquina nessas páginas; o que vai sem aspas são anotações à margem, a lápis, e com a mesma letra em que está escrito o resto do diário, (N. da edição original).

"Terão de me perdoar esta cena, primeiro aborrecida e depois terrível.

Vamos esquecê-la. Isso, associado à boa semana que passamos, atenuará a sua importância.

"Tinha resolvido nada lhes dizer. Não passariam por uma inquietação muito natural. Eu teria disposto de todos, até o último momento, sem rebeliões.

Mas, como são amigos, têm o direito de saber".

Movia os olhos em silêncio, sorria, tremia; depois, continuou, impetuosamente:

"O meu abuso consiste em tê-los fotografado sem autorização. É claro que não se trata de uma fotografia como as outras; é a minha última invenção.

Viveremos para sempre nessas fotografias. Imaginem [Página 78] um cenário era que se representasse completamente a nossa vida nestes sete dias. Nós representamos. Todos os nossos atos ficaram registrados."

— Que impudor! — gritou um homem de bigode negro e dentes para fora.

— Espero que seja brincadeira — disse Dora.

Faustine não sorria. Parecia indignada.

"Poderia lhes ter dito, ao chegar: Viveremos para a eternidade. Talvez tivéssemos estragado tudo, esforçandonos por manter uma contínua alegria.

Pensei: qualquer semana que passemos juntos, se não sentirmos a obrigação de ocupar bem o tempo, será agradável. Não foi assim?

"Então, dei-lhes uma eternidade agradável.

"Sem dúvida, as obras dos homens não são perfeitas. Aqui faltam alguns amigos. Claude desculpou-se: trabalha a hipótese, em forma de novela e de car-tilha teológica, de um desacordo entre Deus e o indivíduo; hipótese que lhe parece eficaz para torná-lo imortal e que ele não quer interromper. Madeleine faz dois anos que não vai à montanha; teme pela sua saúde. Leclerc se comprometeu com os Davies a ir à Flórida".

Acrescentou:

— Quanto ao pobre Charlie...

Pelo tom dessas palavras, frisando o *pobre*, pela solenidade muda, com algumas mudanças de postura e alguns movimentos de cadeiras, que houve em seguida, inferi que Charlie tinha morrido; com mais precisão: que tinha morrido recentemente. [Página 79]

Logo depois, Morel disse, como se quisesse tornar mais suave a audiência:

— Mas também o tenho. Se alguém quiser vê-lo, posso mostrá-lo. Foi uma das minhas primeiras tentativas com êxito.

Fez uma pausa. Creio que percebeu a nova mudança na sala (na primeira, a platéia passara de um tédio afável ao aborrecimento, com uma leve reprovação pelo mau gosto de incluir um morto numa brincadeira; agora, estava perplexa, quase horrorizada).

Voltou apressadamente aos papéis amarelos.

"Desde há muito tempo que o meu cérebro tem duas ocupações primordiais: pensar as minhas invenções e pensar em..." — Restabeleceu-se, decididamente, a simpatia entre Morel e a platéia. — "Por exemplo, abro as páginas de um livro, passeio, encho o roeu cachimbo e estou imaginando uma vida feliz com..."

Cada interrupção provocava uma salva de palmas.

"Quando terminei a invenção, ocorreu-me, primeiro como um simples tema para a imaginação, e depois como um projeto incrível, dar perpétua realidade à minha fantasia sentimental..."

"O fato de me julgar superior e a convicção de que é mais fácil enamorar uma mulher do que fabricar céus aconselharam-me a agir espontaneamente. As esperanças de fazer com que ela se apaixonasse já ficaram para trás; já não tenho a confiança de sua amizade; já não tenho o apoio, o ânimo para encarar a vida. [Página 80]

"Convinha seguir uma tática. Traçar planos." (Morel mudou de tom, como se quisesse cortar a gravidade que as suas palavras tinham acarretado.)

"Nos primeiros, ou a convencia a virmos sós (impossível: não a vi a sós desde que lhe confessei a minha paixão) ou a raptava (teríamos brigado eternamente).

Note-se que, desta feita, não há exagero na palavra *eternamente*. "Alterou muito este parágrafo. Disse — parece-me — que tinha pensado raptá-la e tentou algumas brincadeiras.

"Agora, vou lhes explicar a minha invenção."

Até aqui, um discurso repugnante e desordenado. Morel, mundano homem de ciência, quando deixa de lado os sentimentos e começa a falar em termos científicos, consegue maior precisão; sua literatura continua desagradável, rica em palavras e expressões técnicas, procurando em vão certo impulso oratório, mas é mais clara. Julgue o leitor por si mesmo:

"Qual é a função da radiotelefonía? Suprimir, no que diz respeito ao ouvido, uma ausência especial: por meio de transmissores e receptores, podemos nos reunir em conversa com Madeleine nesta mesma sala, embora ela esteja a mais de vinte mil quilômetros, nos arredores de Quebec. A televisão consegue o mesmo, no tocante à visão. Alcançar vibrações mais rápidas, mais lentas, será estender-se aos outros sentidos; a todos os outros sentidos. [Página 81]

"O quadro científico dos meios de suprimir ausências era, até há pouco, mais ou menos o seguinte:

"Quanto à visão: a televisão, o cinema, a fotografia;

"Quanto à audição: a radiotelefonía, o fonógrafo, o telefone.1

"Conclusão:

"A ciência, até há pouco, tinha-se limitado a fazer frente a ausências espaciais e temporais, com relação ao ouvido e à visão. O mérito da primeira parte dos meus trabalhos consiste em ter interrompido uma desídia que já tinha o peso das tradições e em haver continuado, com lógica, por caminhos quase paralelos, o raciocínio e os ensinamentos dos sábios que melhoraram o mundo com as invenções que mencionei.

"Quero patentear a minha gratidão para com os industriais que, tanto na França (Société Clunie), como na Suíça (Schwachter, de Sankt Gallen), compreenderam a importância das minhas investigações e me abriram as portas dos seus discretos laboratórios.

"As relações com os meus colegas não permitem o mesmo sentimento.

"Quando fui à Holanda, a fim de me avistar com o insigne electricista Jan Van

Heuse, inventor de uma máquina rudimentar, que permitiria saber [Página 82] se uma pessoa está mentindo, encontrei muitas palavras de apoio e, devo dizê-lo, uma grosseira desconfiança

1. A omissão do telégrafo parece-me deliberada. Morel é autor do opúsculo *Que nous envoie Dieu?*

(palavras da primeira mensagem de Morse) e responde: *Un peintre inutile et une invention indiscreète.*

Não obstante, quadros como o *Layette* e o *Hércules Moribundo* são indiscutíveis. (N. da edição original).

"Desde então, trabalhei sozinho.

"Pus-me a procurar ondas e vibrações nunca alcançadas, a imaginar instrumentos para captá-las e transmiti-las. Obtive, com relativa facilidade, as sensações olfativas; as térmicas e as tácteis propriamente ditas exigiram toda a minha perseverança.

"Tive, além disso, que aperfeiçoar os meios já existentes. Os melhores resultados honravam os fabricantes de discos. Desde há muito era possível afirmar que já não tínhamos a morte, com respeito à voz. As imagens tinham sido muito deficientemente registradas pela fotografia e pelo cinema. Dirigi esta parte do meu trabalho para a retenção das imagens que se formam nos espelhos.

"Uma pessoa, um animal ou uma coisa é, diante dos meus aparelhos, como a estação que emite o concerto que vocês escutam pelo rádio. Se ligarem o receptor de ondas olfativas, sentirão o perfume dos jasmíns que há no peito de Madeleine, mesmo sem vê-la. Ligando o setor de ondas tácteis, poderão acariciar seus cabelos, suaves e invisíveis, e aprender, como os cegos, a conhecer as coisas com as mãos. Mas se ligarem todo o jogo de receptores, Madeleine aparecerá, completa, reproduzida, idêntica; não devem esquecer que se trata de imagens extraídas dos espelhos, com os sons, a resistência ao tato, o sabor, os cheiros, a temperatura perfeitamente sincronizados. Nenhuma testemunha admitirá que são imagens. E, [Página 83] se agora aparecerem as nossas, vocês mesmos não me acreditarão. Acharão mais fácil pensar que contratei uma companhia de atores, de sócias inverossímeis.

"Esta é a primeira parte da máquina; a segunda grava; a terceira projeta.

Não precisa de telas nem de papéis; suas projeções são bem recebidas por todo o espaço, de dia ou de noite. Para maior clareza, usarei comparar as partes da máquina com: o aparelho de televisão, que mostra imagens de emissores mais ou menos distantes; a câmara, que tira um filme das Imagens trazidas pelo aparelho de televisão; o projetor cinematográfico.

"Pensava coordenar as recepções dos meus aparelhos e tomar cenas da nossa vida: uma tarde com Faustine, pedaços de conversas com vocês; teria composto, assim, um álbum de presenças muito duradouras e nítidas, que seria o legado de uns momentos, grato para os filhos, os amigos e as gerações que viverem outros costumes.

"Efetivamente, imaginava que, embora as reproduções de objetos fossem objetos — como uma foto de uma casa é um objeto que representa outro —, as reproduções de animais e de plantas não seriam animais nem plantas. Estava certo de que os meus simulacros de pessoas careceriam de consciência de si mesmos (como os personagens de um filme).

"Tive uma surpresa: depois de muito trabalho, ao congregarmos harmonicamente esses dados, encontrei-me com pessoas reconstituídas, que desapareciam se eu desligava o aparelho projetor, só viviam os momentos passados quando da tomada de cena e, ao termi- [Página 84] ná-los, voltavam a repeti-los, como se fossem partes de um disco ou de um filme que, ao terminar, voltasse a começar, mas que não se podiam distinguir das pessoas vivas (vêm-se como que circulando em outro mundo, fortuitamente abordado pelo nosso).

Se conferirmos consciência, e tudo o que nos distingue dos objetos, às pessoas que nos rodeiam, não poderemos negá-la as criadas pelos meus aparelhos, com nenhum argumento válido e exclusivo.

"Congregados os sentidos, surge a alma. Era preciso esperá-la. Madeleine existia para a vista, Madeleine existia para o ouvido, Madeleine existia para o paladar, Madeleine existia para o olfato, Madeleine existia para o tato: Madeleine existia."

Já disse que a literatura de Morel é desagradável, rica em termos técnicos, e que procura em vão certo impulso oratório. Quanto à cafonice, manifesta-se por si só:

"Acaso lhes custa admitir um sistema de reprodução de vida tão mecânico e artificial? Lembrem-se de que, na nossa incapacidade de ver, os movimentos do prestidigitador se convertem em magia.

"Para fazer reproduções vivas, preciso de emissores vivos. Não crio vida.

"Acaso não se deve chamar vida ao que pode estar latente num disco, ao que se revela quando a máquina do fonógrafo funciona, se eu aperto um botão?"

Terei de insistir em que todas as vidas, como os mandarins chineses, dependem de botões que seres desconhecidos podem apertar? E vocês mesmos, quantas vezes terão interrogado o destino dos homens, te- [Página 85] rão feito as velhas perguntas: Para onde vamos? Onde jazemos, como, num disco, músicas inauditas, até que Deus nos manda nascer? Não percebem um paralelismo entre os destinos dos homens e das imagens?

"A hipótese de que as imagens tenham alma parece confirmada pelos efeitos da minha máquina sobre as pessoas, os animais e os vegetais emissores.

"É claro que não alcancei estes resultados senão depois de muitos reveses parciais. Lembro-me de que fiz as primeiras experiências com empregados da casa Schwachter. Sem preveni-los, abria as máquinas e os registrava trabalhando. Ainda havia falhas no receptor; não congregava os dados harmonicamente: em alguns, por exemplo, a imagem não coincidia com a resistência ao tato; às vezes, os erros são imperceptíveis para testemunhas pouco especializadas; outras vezes, o desvio é amplo."

Stoever perguntou:

— Podes nos mostrar essas primeiras imagens?

— Se vocês quiserem, claro que posso; mas aviso que há fantasmas ligeiramente monstruosos — respondeu Morel.

— Muito bem — disse Dora. — Mostre-os. Um pouco de diversão nunca é mau.

— Quero vê-los, — explicou Stoever — porque me lembro de umas mortes misteriosas na casa Schwachter. [Página 86]

— Parabéns! — disse Alec. — Encontramos um crente.

Stoever replicou, sério:

— Imbecil, será que você não ouviu? Charlie também foi gravado.

Quando Morel estava em Sankt Gallen, os empregados da casa Schwachter começaram a morrer. Vi as fotos em revistas. Sou capaz de reconhecê-los.

Trêmulo e ameaçador, Morel saiu da sala. Falavam aos gritos:

— Pronto — disse Dora. — Já o ofendeste. E preciso trazê-lo de volta.

— Parece mentira que tenhas feito isso com Morel

Stoever insistiu:

— Mas vocês não compreendem!

— Morel é nervoso. Não vejo que necessidade havia de insultá-lo

— Vocês não compreendem — gritou Stoever, enfurecido. — Com a máquina, ele gravou Charlie, e Charlie morreu; tomou os empregados da casa Schwachter e vários empregados morreram misteriosamente. Agora, diz que também nos fotografou!

— E não estamos mortos — retrucou Irene. — Ele também se fotografou.

— Será que ninguém entende que é tudo uma brincadeira?

— Até mesmo a zanga de Morel. Nunca o vi zangado.

— De qualquer maneira, Morel portou-se mal [Página 87] — disse o dos dentes para fora. — Podia nos ter avisado.

— Vou procurá-lo — disse Stoever.

— Não saias daqui — gritou Dora.

— Eu vou — falou o dos dentes para fora. — Vou pedir-lhe que nos desculpe e que prossiga.

Agruparam-se em volta de Stoever, procurando acalmá-lo, excitados.

Pouco depois, o homem dos dentes para fora voltou:

— Não quer vir. Pediu que o desculpássemos. Foi impossível trazê-lo.

Faustine, Dora e a velha saíram da sala.

Depois, só ficaram Alec, o dentuça, Stoever e Irene. Pareciam tranquilos, de acordo, sérios. Finalmente, saíram.

Ouvi falar no salão, na escada. Apagaram-se as luzes e a casa ficou numa lívida luz de amanhecer. Esperei, alerta. Não se ouvia um ruído, quase não havia luz. Todos se teriam deitado? Ou estariam à espreita, para capturar-me?

Estive ali não sei quanto tempo, tremendo, até que comecei a andar (acho que para ouvir os meus passos e sentir que havia vida na casa), sem perceber que talvez estivesse justamente fazendo o que os meus presumíveis perseguidores tinham previsto.

Fui até a mesa, guardei os papéis no bolso. Pensei, com medo, que naquela sala não havia janelas, que tinha de passar pelo salão. Caminhei com extrema lentidão; a casa parecia-me ilimitada. Fiquei [Página 88] um tempão imóvel na porta do salão. Por fim, dirigi-me devagar, e em silêncio, para uma janela aberta; pulei e vim correndo.

Quando cheguei ao baixios, experimentei um sentimento confuso de reprovação, por não ter fugido logo no primeiro dia, por ter querido averiguar os mistérios daquelas pessoas.

Depois da explicação de Morel, achei que tudo aquilo era uma manobra da polícia; não me perdoava a minha lentidão em percebê-lo.

Isto é absurdo, mas acho que posso justificá-lo. Quem não desconfiaria de uma pessoa que dissesse: "Eu e meus companheiros somos meras aparências, somos uma nova espécie de fotografias." No meu caso, a desconfiança é ainda mais justificável: acusam-me de um crime, fui condenado à prisão perpétua e é possível que a minha captura seja ainda a profissão de alguém, a sua esperança de melhorar burocraticamente.

Mas, como estava cansado, adormeci logo, entre vagos projetos de fuga.

Tinha sido um dia de grande agitação.

Sonhei com Faustine. O sonho era muito triste, muito emocionante.

Despediamo-nos; vinham buscá-la; o barco ia embora. Depois, voltávamos a estar sós, despedindo-nos com amor. Chorei durante o sonho e acordei com uma inconsolável desesperança ao ver que Faustine não estava ali e com o pranteado [Página 89] consolo de nos termos amado sem dissimulação. Temi que, durante o tempo em que dormira, se houvesse consumado a partida de Faustine. Levantei-me. O barco partira. Minha tristeza foi enorme, a ponto de resolver matar-me;

mas, ao erguer os olhos, vi Stoever, Dora e depois, outros mais na beira da colina.

Não precisei ver Faustine. Julgava-me seguro: já não me importava que ela continuasse ou não na ilha.

Compreendi que era verdade o que tinha dito, horas antes, Morel (mas é possível que não o tivesse dito, pela primeira vez, horas antes, e sim anos atrás; repetia-o porque estava gravado na semana, no disco eterno).

Senti repugnância, quase nojo por aquela gente e sua incansável e repetida atividade. Apareceram muitas vezes, lá em cima, na beira do morro.

Estar numa ilha habitada por fantasmas artificiais era o mais insuportável dos pesadelos; estar apaixonado por uma dessas imagens era pior do que estar apaixonado por um fantasma (talvez sempre tenhamos querido que a pessoa amada tenha uma existência de fantasma).

Acrescentarei, a seguir, as páginas (das folhas amarelas) que Morel não leu:

"Ante a impossibilidade de executar o meu plano original — levá-la para casa e tomar uma cena de [Página 90] felicidade minha ou recíproca —

concebi outro plano que é, sem dúvida, melhor.

"Descobrimos esta ilha nas circunstâncias que vocês conhecem. Três condições a recomendaram: 1ª) as marés; 2ª) os recifes; 3ª) a luminosidade.

"A regularidade comum das marés lunares e a abundância de marés meteorológicas asseguram um serviço quase constante de força motriz. Os recifes são um vasto sistema de muralhas contra invasores; um homem os conhece: é o nosso capitão, McGregor; receio que não volte a se arriscar nestes perigos. A luminosidade, clara mas não deslumbrante, permite esperar uma perda verdadeiramente exígua na captação de imagens.

"Confesso que, uma vez descobertas estas generosas virtudes, não duvidei em investir a minha fortuna na compra da ilha e na construção do museu, da igreja e da piscina. Aluguei esse cargueiro a que vocês chamam o iate, para que a nossa vinda fosse mais agradável.

"A palavra *museu*, que uso para designar esta casa, é uma reminiscência do tempo em que trabalhava nos planos da minha invenção, sem conhecimento do seu alcance. Pensava, então, erigir grandes álbuns ou museus, familiares e

públicos, com estas imagens.

"Chegou o momento de anunciar: Esta ilha, com seus edifícios, é o nosso paraíso particular. Tomei algumas precauções — físicas e morais — para a sua defesa: creio que o protegerão. Aqui, estaremos eternamente — embora amanhã vamos embora — repetindo consecutivamente os momentos da semana e [Página 91] sem poder jamais sair da consciência que tivemos de cada um deles, porque assim nos registraram os aparelhos; isso nos permitirá sentirmo-nos numa vida sempre nova, porque não haverá outras recordações, em cada momento da projeção, além das havidas no momento correspondente da gravação, e porque o futuro, muitas vezes deixado para trás, conservará sempre os seus atributos."

Aparecem de vez em quando. Ontem vi Haynes na beira do morro; faz dois dias, vi Stoever e Irene; hoje, Dora e outras mulheres. Impacientam-me a vida; se quero ordená-la, devo afastar a minha atenção destas imagens.

Destruí-las, destruir os aparelhos que as projetam (sem dúvida, estão no porão) ou romper o moinho, são as minhas tentações favoritas; contenho-me, não quero pensar nos companheiros de ilha pois acho que não lhes falta matéria para se converterem em obsessões.

Entretanto, não creio que este perigo me ameace. Estou demasiado ocupado em sobreviver à água, à fome, às comidas.

1, *Sempre*: sobre a duração da nossa imortalidade; suas máquinas, simples e de materiais escolhidos, são mais Incorruptíveis que o Metrô, que está em Paris. (N. de Morel.) Agora, procuro um jeito de instalar uma cama permanente; se fico nos baixios, não a encontrarei: as árvores estão podres, não podem comigo. Mas estou [Página 92] decidido a fazer alguma coisa: quando as marés sobem muito, não durmo e, nos outros dias, as inundações menores interrompem-me o sono, sempre a horas diferentes. Não me acostumo com estes banhos. Demoro a adormecer, pensando no momento em que a água, barrenta e morna, me vai cobrir a cara, produzindo-me um afogamento momentâneo. Quero que a maré não me surpreenda, mas a fadiga me vence e não tarda que a água, em silêncio, qual vaselina de bronze, me force as vias respiratórias. O resultado é um cansaço doloroso, uma tendência a me irritar e a me abater diante de qualquer dificuldade.

Estive lendo os papéis amarelos. Parece-me que distinguir pelas ausências

— espaciais ou temporais — os meios de superá-las leva a confusões. Seria

preciso dizer, talvez: *Meios de alcance e meios de alcance e retenção*. A radiotelefonia, a televisão, o telefone são, exclusivamente, *de alcance*; o cinema, a fotografia, o fonógrafo — *verdadeiros arquivos* — são *de alcance e retenção*.

Todos os aparelhos de superar ausências são, pois, meios de alcance (antes de ter a fotografia ou o disco, é preciso tirá-la, gravá-lo).

Apesar disso, não é impossível que toda ausência seja, definitivamente, espacial... Em um lugar ou outro estarão, sem dúvida, a imagem, o contato, a voz dos que já não vivem (*nada se perde*...) [Página 93]

Conseguí vencer a repulsa nervosa que sentia pelas imagens. Não me preocupam. Vivo confortavelmente no museu, livre das marés. Durmo bem, estou descansado e reconquistei a serenidade que me permitiu burlar os meus perseguidores, chegar a esta ilha.

É verdade que o roçar das imagens me produz um ligeiro mal-estar (principalmente quando estou distraído); mas isso também passará e o fato de poder me distrair indica que vivo com certa naturalidade.

Estou me acostumando a ver Faustine sem emoção, como se fosse um simples objeto. Por curiosidade, há uns vinte dias que a sigo. Tive poucas dificuldades, embora abrir as portas — mesmo as que não estão fechadas a chave — seja impossível (porque, se estavam fechadas quando da tomada de cena, têm de continuar fechadas, quando se projeta). Talvez pudesse arrombá-

las, mas temo que uma ruptura parcial danifique todo o aparelho (não me parece provável).

Ao recolher-se a seu quarto, Faustine fecha a porta. Numa única ocasião não me será possível entrar sem tocá-la: quando Dora e Alec a acompanham.

Depois, eles saem rapidamente. Essa noite, na primeira semana, fiquei no corredor, diante da porta fechada e do buraco da fechadura, que mostrava um setor vazio. Na semana seguinte, quis ver desde fora e caminhei pela cornija, com grande risco, ferindo as mãos e os joelhos contra a aspereza das pedras, às quais me agarrava, apavorado (são quase cinco metros de altura).

As cortinas não me deixaram ver nada.

Na próxima ocasião, vencerei o medo que me resta e entrarei no quarto com Faustine, Dora e Alec.

Passo as outras noites ao lado da cama de Faustine, no chão, sobre uma esteira, e comove-me vê-la descansar, tão alheia ao hábito de dormir juntos que vamos criando.

Um homem solitário não pode fazer máquinas nem fixar visões, a não ser sob a forma truncada de escrevê-las ou desenhá-las para outros mais afortunados.

Para mim, há de ser impossível descobrir algo olhando para as máquinas: herméticas, funcionarão obedecendo às intenções de Morel. Amanhã saberei com certeza. Hoje, não pude descer ao porão; passei a tarde juntando alimentos.

Seria pérfido supor, se um dia as imagens faltarem, que eu as destruí. Ao contrário: meu propósito é salvá-las, com esta comunicação. Ameaçam-nas invasões do mar e invasões das hordas propagadas pelo crescimento da população. Dói pensar que a minha ignorância, preservada por toda a biblioteca

— sem um livro que possa servir para trabalhos científicos —, talvez também as ameace.

Não farei maiores menções aos perigos que espreitam esta ilha, a terra e os homens, esquecendo as profecias de Malthus; quanto ao mar, cumpre dizer:

[Página 96] em cada uma das grandes marés, temi o naufrágio total da ilha; num café de pescadores, em Rabaul, ouvi dizer que as ilhas Ellice ou *das lagunas*, são instáveis, umas desaparecem e outras emergem (estar si nesse arquipélago? O siciliano e Ombrellieri são as minhas autoridades).

Estranha que a invenção tenha enganado o inventor. Eu também pensei que as imagens viviam; mas a nossa situação não era a mesma: Morel imagi-nara tudo; presenciara e conduzira o desenvolver da sua obra; eu enfrentei-a concluída, funcionando.

Esta cegueira do inventor com respeito à sua invenção nos espanta e nos recomenda a circunspeção nos juízos... Talvez eu esteja generalizando sobre os abismos de um homem, moralizando com uma peculiaridade de Morel.

Aplaudo a orientação que deu, sem dúvida inconscientemente, às suas tentativas de perpetuação do homem: limitou-se a conservar as sensações; e, embora equivocando-se, predisse a verdade: o homem surgirá só. Em tudo isto é preciso ver o triunfo do meu velho axioma: Não se deve procurar conservar vivo todo o corpo.

Razões lógicas nos autorizam a rejeitar as esperanças de Morel. As imagens não vivem. Não obstante, parece-me que, tendo este aparelho, convém inventar outro, que permita averiguar se as imagens sentem e pensam (ou, pelo menos, se têm os pensamentos e as sensações que passaram pelos originais durante a exposição; é claro que a relação das suas consciências (?) com estes pensamentos e sensações [Página 97] não poderá ser averiguada). O aparelho, muito parecido com o atual, estará dirigido aos pensamentos e às sensações do emissor; a qualquer distância de Faustine, poderemos captar os seus pensamentos e as suas sensações, visuais, auditivas, táteis, olfativas e gustativas.

Em algum dia, haverá um aparelho ainda mais completo. Tudo o que for pensado e sentido na vida — ou nos momentos de exposição — será como um alfabeto, com o qual a imagem continuará compreendendo tudo (como nós, com as letras de um alfabeto, podemos compreender e compor todas as palavras). A vida será, pois, um depósito da morte. Mas nem então a imagem estará viva; objetos essencialmente novos não existirão para ela. Conhecerá tudo o que sentiu ou pensou, ou as combinações ulteriores do que sentiu ou pensou.

O fato de não podermos compreender nada fora do tempo e do espaço, talvez sugira que a nossa vida não seja apreciavelmente diferente da sobrevivência a ser obtida com esse aparelho.

Quando intelectos menos grosseiros que o de Morel se ocuparem da invenção, o homem escolherá um local afastado e agradável, se reunirá com as pessoas queridas e perdurará num paraíso íntimo. Um mesmo jardim, se as cenas a perpetuar forem tomadas em diferentes momentos, alojará inúmeros paraísos, cujas sociedades, ignorando-se entre si, funcionarão simultaneamente, sem colisões, quase pelos mesmos lugares. Serão, desgraçadamente, paraísos vulneráveis, porque as imagens não poderão ver os ho- [Página 98] mens, e os homens, se não derem ouvidos a Malthus, necessitarão, algum dia, da terra do mais exíguo paraíso e destruirão seus indefesos ocupantes, ou os encarcerarão na possibilidade inútil de suas máquinas desligadas!

Durante dezessete dias, vigiei. Nem um enamorado teria descoberto motivos para suspeitar de Morel e de Faustine.

Não creio que Morel aludisse a ela no discurso (embora fosse a única a não o celebrar com risadas). Mas, admitindo que Morel esteja apaixonado por Faustine, como é possível afirmar que Faustine esteja apaixonada?

Quando queremos desconfiar, a ocasião nunca falta. Uma tarde passeiam de braço dado, entre as palmeiras e o museu — haverá algo de estranho nesse

passeio de amigos?

Graças ao meu propósito de cumprir com o *ostinato rigore* da divisa, a vigilância alcançou uma amplitude que me honra; não levei em conta a comodidade ou o decoro: o controle foi tão severo debaixo das mesas quanto à altura em que habitualmente se movem os olhares. [Página 99]

No salão de jantar, uma noite, outra noite, no *hall*, as pernas se tocam. Se admito a malícia, por que desprezo a distração, o acaso?

Repito: não há prova definitiva de que Faustine sinta amor por Morel. Talvez a origem das suspeitas esteja no meu egoísmo. Amo Faustine: Faustine é o móvel de tudo; temo que esteja enamorada: demonstrá-lo é a missão das coisas.

Quando estava preocupado com a perseguição policial, as imagens desta ilha se moviam, como peças de xadrez, seguindo uma estratégia para capturar-me.

1.

Sob a epígrafe de

"Come, Malthus, and in Ciceronian prose

Show what a rutting Population grows,

Until the produce of the Soil is spent,

And Brats expire for lack of Aliment",

o autor se demora numa apologia, eloqüente e com argumentos pouco novos, de Thomas Robert Malthus e de seu *Ensaio sobre o Princípio da População*. Por razões de espaço, decidimos suprimi-la. (N. da edição original).

Morel se enfureceria, se eu tornasse pública a sua invenção. Disto não há dúvida, e não creio que se possa evitar com elogios. Seus amigos se agrupariam numa comum indignação (inclusive Faustine). Mas, se ela se tivesse desgostado com ele — não partilhava das risadas, durante o discurso — talvez se aliasse a mim.

Resta a hipótese da morte de Morel. Nesse caso, algum de seus amigos teria difundido a invenção. Senão, teríamos que supor uma morte coletiva, uma peste, um naufrágio. Tudo isso é inacreditável; mas explicaria o fato de não se ter

notícia da invenção, quando sai de Caracas.

Outra explicação seria a de que não tivessem acreditado nele, de que Morel estivesse louco ou — minha primeira idéia — de que todos estivessem loucos, que aquela ilha fosse um hospício.

Estas explicações requerem tanta imaginação quanto a epidemia ou o naufrágio.
[Página 100]

Se eu chegasse à Europa, à América ou ao Japão, passaria uns tempos difíceis. Quando começasse a ser um charlatão famoso — antes de ser um inventor famoso — viriam as acusações de Morel e, talvez, uma ordem de prisão, expedida de Caracas. O mais triste seria que tudo isso me acontecesse por causa da invenção de um louco.

Mas preciso me convencer: não necessito fugir. Viver com as imagens é uma felicidade. Se os perseguidores chegarem até aqui, acabarão se esquecendo de mim, ante o prodígio desta gente inacessível, picarei.

Se encontrasse Faustine, como a faria rir, contando-lhe todas as vezes que falei, apaixonado e soluçando, com a sua imagem! Considero este pensamento um vício: escrevo-o para fixar-lhe limites, para ver que não tem encanto, para abandoná-lo.

A eternidade rotativa pode parecer atroz ao espectador: para os seus indivíduos, é satisfatória. Livres de más notícias e de doenças, vivem sempre como se fosse a primeira vez, sem recordar-se das anteriores. Além disso, com as interrupções impostas pelo regime das marés, a repetição não é implacável.

Acostumado a ver uma vida que se repete, acho a minha irremediavelmente casual. Os propósitos e emenda são vãos: eu não tenho próxima vez, cada momento é único, distinto, e muitos se perdem nos descuidos. É verdade que, para as imagens, tampouco há primeira vez (todas são iguais à primeira).
[Página 101]

Podemos pensar que a nossa vida é como uma semana destas imagens e que volta a repetir-se em mundos contíguos.

Sem conceder nada à minha fraqueza, posso imaginar a chegada emocionante à casa de Faustine, o interesse que ela terá pelos meus relatos, a amizade que estas circunstâncias ajudarão a estabelecer. Quem sabe se não estou verdadeiramente

a caminho — longo e difícil — de Faustine, do necessário descanso da minha vida?

Mas, onde vive Faustine? Segui-a durante semanas. Fala do Canadá.

Nada mais sei. Mas há outra pergunta que se pode fazer — com horror: Faustine vive?

Talvez porque a idéia me pareça tão poeticamente dilacerante — procurar uma pessoa que ignoro onde vive, que ignoro se vive —, Faustine me importa mais do que a própria vida.

Haverá alguma possibilidade de fazer a viagem? O bote apodreceu. As árvores estão podres; não sou tão bom carpinteiro que possa fabricar um bote com outras madeiras (por exemplo, com cadeiras ou portas; nem estou certo de poder fazê-lo com árvores), Esperarei que passe um barco. Precisamente o que não queria. Minha volta já não será secreta. Jamais vi passar um barco, daqui; exceto o de Morel, que era o simulacro de um barco. [Página 102]

Além disso, se chegar ao meu destino, se encontrar Faustine, estarei numa das situações mais penosas da minha vida. Terei de me rodear de alguns mistérios; pedir para lhe falar a sós; só isso, de parte de um desconhecido, já a fará desconfiar; depois, quando souber que fui testemunha da sua vida, pensará que procuro tirar algum proveito desonesto; e, ao saber que sou um condenado à prisão perpétua, verá confirmados os meus temores.

Antes, não pensava que uma ação pudesse me trazer boa ou má sorte.

Agora, repito, de noite, o nome de. Faustine. Naturalmente gosto de pronúncia-lo; mas estou angustiado de cansaço e continuo repetindo-o (às vezes, sinto náuseas e ansiedade próprias de doente, quando adormeço).

Quando me acalmar, encontrarei maneira de sair. Par ora, contando o que me aconteceu, obrigo os meus pensamentos a se ordenarem. E, se morrer, comunicarão a atrocidade da minha agonia.

Ontem, não houve imagens. Desesperado ante as secretas máquinas em repouso, tive o pressentimento de que nunca mais veria Faustine. Mas hoje de manhã a maré estava subindo. Fui-me embora antes que as imagens aparecessem. Vim até à casa das máquinas, para compreendê-las (e para não estar à mercê das

marés e poder consertar as falhas). Tinha pensado que, se visse as máquinas entrar em funcionamento, talvez as compreendesse ou, pelo menos, po- [Página 103] deria ter uma orientação para estudá-las. Mas essa esperança não se realizou.

Entrei pelo buraco aberto na parede... Estou me deixando levar pela emoção. Tenho de compor as frases. Quando entrei, senti a mesma surpresa e a mesma felicidade que da primeira vez. Tive a impressão de estar andando pelo imóvel fundo azulado de um rio. Sentei-me, à espera, de costas para o buraco que tinha feito (incomodava-me essa interrupção na celeste continuidade da porcelana).

Ali estive um tempão, placidamente distraído (agora, parece-me inconcebível). Depois, as máquinas verdes começaram a funcionar. Comparei-as com a bomba de puxar água e com os geradores. Olhei-as, ouvi-as, apalpei-as com atenção, bem de perto, inutilmente. Mas, como logo me pareceram inabordáveis, talvez tenha fingido atenção, como por compromisso ou vergonha (de me ter apressado a descer aos porões, de ter esperado tanto esse momento), como se alguém estivesse me vendo.

No meu cansaço, voltei a sentir-me invadido pela agitação. Preciso reprimi-la. Contendo-me, encontrarei maneira de sair daqui.

Conto circunstancialmente o que me aconteceu: voltei-me e comecei a andar, com os olhos mirando para baixo. Ao olhar para a parede, tive a sensação de estar desorientado. Procurei o buraco que tinha feito. Já lá não estava.

Achei que poderia se tratar de um interessante fenômeno de óptica e dei um passo para o lado, para ver se continuava. Estendi os braços como um cego.

[Página 104] Apalpei todas as paredes. Apanhei do chão pedaços de porcelana, de tijolo, que tinha feito cair ao abrir o buraco. Apalpei a parede nesse mesmo lugar, durante muito tempo. Tive de aceitar o fato de que a parede se reconstruía.

A tal ponto ficara fascinado com a claridade celeste do quarto, interessado no funcionamento dos motores, que não ouvira um pedreiro refazer a parede?

Aproximei-me. Senti o frescor da porcelana contra; a orelha e escutei um silêncio interminável, como se o outro lado tivesse desaparecido.

No chão, onde o deixara cair ao entrar pela primeira vez, estava o ferro que me

servira para quebrar a parede. "Ainda bem que não o viram" — disse, com patética ignorância da minha situação. — "Tê-lo-ia deixado levar, sem reparar".

De novo encostei o ouvido àquela parede que parecia final. Garantido pelo silêncio, procurei o lugar da abertura que tinha feito e comecei a bater (julgando que me seria mais difícil furar onde a mistura fosse mais velha). Bati muitas vezes, cada vez mais desesperado. A porcelana, por dentro, era invulnerável. Os golpes mais fortes, mais exaustivos, ressoavam contra a sua dureza e não abriam sequer uma fenda superficial, nem desprendiam o mais leve fragmento do seu esmalte azul-claro.

Contive os nervos. Descansei.

Acometi de novo, em outros lugares. Caíram pedaços de esmalte e, quando começaram a estalar grandes pedaços de parede, bati, com os olhos nublados e com uma urgência desproporcional ao peso do ferro, até que a resistência da parede, que não diminuía proporcionalmente à sucessão e ao esforço dos golpes, me atirou ao chão, gemendo de fadiga. Primeiro, vi, toquei os pedaços de alvenaria, de um lado polidos, do outro, ásperos, terrosos; depois, numa visão tão lúcida que parecia efêmera e sobrenatural, meus olhos encontraram a azul continuidade da porcelana, a parede indene e inteira, o local hermeticamente fechado.

Bati de novo. Em alguns lugares saíam pedaços de parede, que não deixavam ver nenhuma cavidade, nem clara nem sombria, que se reconstruíam com uma rapidez maior do que a da minha vista e alcançavam, então, aquela mesma dureza invulnerável que eu já encontrara no lugar da abertura.

Pus-me a gritar: "Socorro", investi algumas vezes contra a parede e me deixei cair no chão. Tive um acesso de imbecilidade com pranto, com um ardor úmido no rosto. Assaltava-me o pavor de estar num lugar encantado e a revelação confusa de que a magia aparecia aos incrédulos, como eu, intransmissível e mortal, para vingar-se.

Acosado pelas terríveis paredes azuis, ergui os olhos para a clarabóia, onde elas se interrompiam. Vi, durante muito tempo sem entender e, depois, assustado, um galho de cedro que se desviava de si mesmo e se bifurcava; depois, os dois galhos voltavam, dóceis como fantasmas, a se unir, a coincidir num só ramo. Disse em voz alta, ou pensei claramente: "Não poderei sair.

Estou num lugar encantado". Ao formular [Página 106] isto, senti vergonha, como um impostor que tivesse levado o simulacro demasiado longe, e compreendi tudo: Estas paredes — assim como Faustine, Morel, os peixes do

aquário, um dos sóis e uma das luas, o tratado de Belidor — são projeções das máquinas. Coincidem com as paredes feitas pelos pedreiros (são as mesmas paredes tomadas pelas máquinas e depois refletidas sobre si mesmas). Onde abri ou suprimi a parede original, permanece a refletida. Como se trata de uma projeção, nenhum poder é capaz de atravessá-la ou suprimi-la (enquanto os motores estiverem funcionando).

Se eu arrebeitar integralmente a parede original, quando os motores não funcionarem esta casa de máquinas ficará aberta, não será uma sala, e sim um ângulo de outra peça; quando os motores estiverem funcionando, a parede de novo se fechará, impenetrável.

Morel deve ter imaginado esta proteção com parede dupla para que nenhuma pessoa chegue até às máquinas que conservam a sua imortalidade.

Mas não estudou bem as marés (sem dúvida, em outro período solar) e julgou que a usina poderia funcionar sem interrupções. Certamente, é ele também o inventor da famosa peste que até agora tão bem protegeu a ilha, O meu problema é fazer parar os motores verdes. Não deve ser difícil encontrar a chave que os desligue. Num só dia aprendi a manobrar o gerador e a bomba de puxar água. Sair daqui não me vai ser difícil. [Página 107]

A clarabóia salvou-me, ou me salvará, porque não penso morrer de fome, resignado, mais além do desespero, despedindo-me do que deixo, como aquele comandante japonês, de virtuosa a burocrática agonia num asfíxiante submarino, no fundo do mar. No *Novo Diário*, li a carta encontrada no submarino. O morto saúda o Imperador, os ministros e, em ordem hierárquica, todos os marinheiros que pode enumerar enquanto aguarda a asfixia. Além disso, anota observações como estas: "Agora, sangro pelo nariz; parece-me que os tímpanos se romperam".

Ao narrar circunstanciadamente esta ação, repetia. Espero não repetir o seu final.

Os horrores do dia ficam assentes no meu diário. Escrevi muito: parece-me inútil procurar inevitáveis analogias com os moribundos que fazem projetos de longos futuros ou que vêem, no momento de morrer, uma imagem minuciosa de toda a sua vida. O instante final deve ser conturbado, confuso; sempre estamos tão longe, que não podemos imaginar as sombras que o turvam. Agora, vou parar de escrever, a fim de me dedicar, serenamente, a encontrar um jeito de fazer com que estes motores parem. Então, a brecha se abrirá de novo, como ante um abre-te sésamo; senão (embora perca Faustine para sempre), vou lhes dar com o

ferro, como fiz com a parede, arreventá-los, e a brecha se abrirá, como num passe de mágica, e eu poderei sair. [Página 108]

Ainda não consegui fazer parar os motores. Dói-me a cabeça. Leves ataques de nervos, que logo domino, tiram-me de uma sonolência progressiva.

Tenho a impressão, sem dúvida ilusória, de que, se pudesse receber um pouco de ar de fora, não demoraria a resolver estes problemas. Arremeti contra a clarabóia; é invulnerável, como tudo o que me encerra.

Para mim mesmo repito que a dificuldade não está no meu torpor nem na falta de ar. Estes motores devem ser muito diferentes de todo os outros. Parece lógico supor que Morel os tenha desenhado de maneira a não serem entendidos pelo primeiro que chegue à ilha. Não obstante, a dificuldade em manejá-los deve consistir no fato de diferenciar dos outros motores. Como não entendo de nenhum, essa maior dificuldade desaparece.

Do funcionamento dos motores depende a eternidade de Morel; posso imaginar que são muito sólidos; preciso, pois, conter o meu impulso de arreventá-los. Só conseguirei cansar-me e desperdiçar ar. Para me conter, escrevo.

Se Morel tivesse tido a idéia de fazer uma tomada dos motores...

Por fim, o temor à morte me livrou da superstição de incompetência; foi como se me houvesse aproximado por meio de vidros de aumento: os motores deixaram de ser um casual monte de ferros, adquiri- [Página 109] ram formas, disposições que permitiam compreendê-los.

Desliguei-os e saí.

Na casa de máquinas, pude reconhecer (além da bomba de puxar água e do gerador, já mencionados):

a)

Um conjunto de transmissores de energia, vinculados ao moinho que há nos baixios;

b)

Um conjunto fixo de receptores, gravadores e projetores, com uma rede de aparelhos colocados estrategicamente, que atuam sobre toda a ilha; c)

Três aparelhos portáteis, receptores, gravadores e projetores, para exposições

isoladas.

Descobri, em algo que supunha ser o motor mais importante e era uma caixa de ferramentas, uns planos incompletos, que me deram trabalho e ajuda duvidosa.

A clarividência que presidiu a este reconhecimento não foi imediata.

Meus estados anteriores foram:

1º

O desespero;

2º

Um desdobramento em ator e espectador, Estive ocupado em me sentir dentro de um asfixiante submarino, no fundo do mar, num cenário.

Sereno diante da minha atitude sublime, confuso como um herói, perdi tempo e, quando saí, já era noite e não havia luz para procurar raízes comestíveis.

[Página 110]

Primeiro, pus a funcionar os receptores e projetores para exposições isoladas. Coloquei flores, folhas, moscas, rãs. Tive a emoção de vê-las aparecer, reproduzidas e iguais.

Depois, cometi a imprudência.

Pus a mão esquerda diante do receptor; liguei-o e apareceu a mão, apenas a mão, fazendo os movimentos preguiçosos que tinha feito quando a gravei.

Agora, é como qualquer outro objeto ou quase animal que há no museu.

Deixo trabalhar o projetor, não faço com que a mão desapareça; sua visão, mais curiosa do que outra coisa, não é desagradável.

Esta mão, num conto, seria uma terrível ameaça para o protagonista. Na realidade, que mal pode fazer?

Os emissores vegetais — folhas, flores — morreram após cinco ou seis horas; as rãs, depois de quinze.

As cópias sobrevivem, incorruptíveis.

Ignoro quais são as moscas verdadeiras e as artificiais.

Às flores e às folhas, talvez tenha faltado água. Não alimentei as rãs; de qualquer maneira, devem ter sofrido com a mudança de ambiente.

Quanto aos efeitos sobre a mão, suspeito de que provenham dos temores em mim provocados pela máquina, e não da própria. Sinto um ardor contínuo, mas fraco. Caiu-me um pouco de pele. Ontem à noi- [Página 111] te estava inquieto. Presentia horríveis transformações na mão. Sonhei que a coçava, que ela se desfazia facilmente. Devo tê-la ferido durante o sono.

Um dia mais será intolerável.

Primeiro, senti curiosidade ante um parágrafo do discurso de Morel.

Depois, muito divertido, julguei ter feito uma descoberta. Não sei como essa descoberta deu lugar a esta outra, atinada, ominosa.

Não me darei logo à morte. Já é costume das minhas teorias mais lúcidas desfazerem-se no dia seguinte, ficarem como provas de uma combinação assombrosa de inépcia e entusiasmo (ou desespero). Talvez a minha idéia, uma vez escrita, perca a força.

Eis a frase que me assombrou:

"Terão que me perdoar esta cena, primeiro aborrecida e depois terrível".

Por que terrível? Por certo sabiam que tinham sido fotografados de um modo novo, sem aviso prévio. É verdade que saber, *a posteriori*, que oito dias da nossa vida, em todos os seus pormenores, ficaram para sempre registrados, não deve ser agradável.

Pensei também, em certo momento: "Uma dessas pessoas deve ter um segredo horrível; Morel tratará de conhecê-lo ou revelá-lo".

Por acaso, recordei que o fundamento do horror, que alguns povos sentem, de se verem representados em imagens, é a crença de que, ao se formar a [Página 112] imagem de uma pessoa, a alma passa para a imagem e a pessoa morre.

Encontrar escrúpulos em Morel, por ter fotografado os amigos sem o seu

consentimento, diverti-me; realmente, julguei descobrir, na mente de um cientista contemporâneo, a sobrevivência daquele antigo temor.

Li de novo a frase:

"Terão de me perdoar esta cena, primeiro aborrecida e depois terrível.

Vamos esquecê-la".

Que significará isto? Que em breve não lhe darão importância, ou que já não poderão recordá-la?

A discussão com Stoever foi terrível. Stoever teve a mesma suspeita que eu. Não sei como demorei tanto a compreendê-lo.

Além do mais, a hipótese de que as imagens têm alma, parece exigir, como fundamento, que os emissores a percarn ao serem tomados pelos aparelhos. O próprio Morel o declara;

"A hipótese de que as imagens tenham alma parece confirmada pelos efeitos da minha máquina sobre as pessoas, os animais e os vegetais emissores."

Na verdade, é preciso ter uma consciência muito dominante e audaz, confundível com a inconsciência, para fazer esta declaração às próprias vítimas; mas é uma monstruosidade que parece não discordar do homem que, seguindo uma idéia, organiza uma morte coletiva e decide, por si mesmo, a solidariedade de todos os amigos. [Página 113]

Qual era essa idéia? Aproveitar a reunião quase completa de seus amigos, a fim de obter um paraíso muito bom, ou uma incógnita que não sondei? Se existe uma incógnita, é possível que não tenha interesse para mim.

Creio poder identificar agora os tripulantes mortos do barco bombardeado pelo cruzador *Namura*: Morel aproveitou a sua própria morte e a de seus amigos para confirmar os rumores sobre a misteriosa doença que teria seu deletério viveiro nesta ilha; rumores esses já difundidos por Morel para proteger a sua máquina, a sua imortalidade.

Mas tudo isto, que deduzo racionalmente, significa que Faustine já morreu; que, de Faustine, não há senão esta imagem, para a qual eu não existo.

Nesse caso, a vida para mim é intolerável. Como suportarei a tortura de viver

com Faustine e de tê-la tão longe? Onde procurá-la? Fora desta ilha, Faustine perdeu-se, com os modos e os sonhos de um passado alheio.

Nas primeiras páginas, disse:

"Sinto com desagrado que este papel se está transformando em testamento. Se tenho de me resignar a isso, preciso fazer com que as minhas afirmações se possam comprovar; de maneira a que ninguém, julgando-me alguma vez suspeito de falsidade, pense que minto ao dizer que fui condenado injusta-[Página 114] mente. Adotarei a divisa de Leonardo — *Ostinato rigore*

— e procurarei segui-la".

Minha vocação é o pranto e o suicídio; no entanto, não esqueço esse rigor pactuado.

A seguir, corrijo erros e esclareço tudo aquilo que não teve explicação: abreviarei, assim, a distância entre o ideal de exatidão que me guiou, desde o princípio, e a minha narração.

As marés: Li o livrinho de Belidor (Bernard Forest de). Começa com uma descrição geral das marés. Confesso que as desta ilha preferem seguir essa explicação, e não a minha. Deve-se levar em conta que eu nunca estudara as marés (talvez no colégio, onde ninguém estudava) e que as descrevi nos primeiros capítulos deste diário, quando só começavam a ter importância para mim. Antes, enquanto vivi na colina, não constituíram um perigo e, embora me interessassem, não tinha tempo para observá-las com vagar (quase tudo o mais era um perigo).

Mensalmente, de acordo com Belidor, há duas marés de amplitude máxima, nos dias de lua cheia e lua nova, e duas marés de amplitude mínima nos dias de quartos lunares.

Alguma vez, sete dias depois de uma maré de lua cheia ou nova, deve ter ocorrido uma maré meteorológica (provocada por fortes ventos e chuvas):

[Página 115]

sem dúvida foi daí que saiu a minha idéia errada de que as grandes marés acontecem uma vez por semana.

Explicação da impontualidade das marés diárias: segundo Belidor, as marés

chegam cinquenta minutos mais tarde, por dia, no quarto crescente, e cinquenta minutos mais cedo, no minguante. Isso não é completamente exato na ilha: creio que o adiantamento ou o atraso devem ser de um quarto de hora a vinte minutos diários; dou estas observações modestas, sem aparelhos de medição: talvez os sábios acres-centem o que falta e possam tirar alguma conclusão útil para o melhor conhecimento do mundo que habitamos.

Neste mês, houve numerosas grandes marés: duas foram lunares; as outras, meteorológicas.

Aparições e desapareções — primeira e seguintes: As máquinas projetam as imagens. As máquinas funcionam com a força das marés.

Depois de períodos mais ou menos longos, com marés de pouca amplitude, houve sucessivas marés que chegaram ao moinho dos baixios. As máquinas

(sobre esta nota de rodapé: Não consta no original digitalizado o local correspondente a esta nota. Nota do digitalizador).

1. Não aparece no cabeçalho do manuscrito. Devemos atribuir esta omissão a um esquecimento? Não sabemos; como sempre que há dúvida, preferimos correr o risco de críticas, a fidelidade ao original. (N.

da edição original).

funcionaram e o disco eterno continuou a andar no momento da semana em que tinha parado.

Se o discurso de Morel ocorreu na última noite da semana, a primeira aparição deve ter sido na noite do terceiro dia.

A falta de imagens durante o longo período anterior à primeira aparição talvez se deva a que o regime das marés varia com os períodos solares.

Os dois sóis e as duas luas: Como a semana se repete ao longo do ano, vêm-se estes sóis e estas luas [Página 116] não coincidentes (e também os moradores com frio em dias de calor, banhando-se em águas sujas, dançando entre o mato ou em meio a um temporal). Se a ilha afundasse — à exceção dos locais onde estão as máquinas e os projetores — as imagens, o museu, a própria ilha continuariam a ser vistos.

Ignoro se o calor excessivo destes últimos tempos se deve à superposição da temperatura que fazia ao se tomarem as cenas, na temperatura atual.1

Árvores e outros vegetais: Os que a máquina fez a tomada estão secos; os que ela não fez — as plantas anuais (flores, ervas) e às árvores novas — estão viçosos.

Os interruptores, os ferrolhos trancados. Cortinas inamovíveis: Adapte-se aos interruptores e aos ferrolhos o que eu disse, há muito, a respeito das portas:

Se estavam fechadas quando a cena foi tomada, têm de estar fechadas quando se projeta.

Pela mesma razão, as cortinas são inamovíveis.

A pessoa que apaga a luz: A pessoa que apaga a luz do quarto oposto ao de Faustine é Morel. Entra, fica um momento diante da cama. O leitor recordará que, no meu sonho, Faustine fez tudo isso. Aborrece-me ter confundido Morel com Faustine. [Página 117]

1. A hipótese da superposição de temperaturas não me parece necessariamente falsa (um pequeno aquecedor é insuportável, num dia de verão), mas acho que a verdadeira explicação é outra. Estavam na primavera; a semana eterna foi gravada no verão; ao funcionar, as máquinas refletem a temperatura do verão (N. da edição original).

Charlie. Fantasmas imperfeitos: Primeiro, não os encontrava. Agora, creio ter dado com os seus discos. Não os toco. Podem ser impressionantes, não convir à minha situação (futura).

Os espanhóis que vi na copa: São empregados de Morel.

Câmara subterrânea, Biombo de espelhos: Ouvi Morel dizer que servem para experiências de óptica e de som.

Os versos franceses declamados por Stoever:

Ame, te souvient-il, au fond du paradis,

De la gare d'Auteil et des trains de jadis.

Stoever diz à velha que são de Verlaine.

Já não deve haver pontos inexplicáveis no meu diário. Há elementos que permitem compreender quase tudo. Os capítulos que faltam não surpreenderão.

Quero explicar-me o comportamento de Morel.

Faustine evitava a sua companhia; ele, então, tramou, nessa semana, a morte de todos os seus amigos, para conseguir a imortalidade com Faustine.

Com isso, compensava a renúncia às possibilidades que há na vida. Entendeu que, para os outros, a morte não [Página 118] seria uma evolução prejudicial; em troca de um prazo de vida incerto, lhes daria a imortalidade, com seus amigos prediletos. E também dispôs da vida de Faustine.

Mas a própria indignação que sinto me põe em guarda; talvez esteja atribuindo a Morel um inferno que é meu. Eu é que estou apaixonado por Faustine; eu é que sou capaz de matar e de me matar; eu é que sou o monstro.

Talvez Morel nunca se tenha referido a Faustine em seu discurso; talvez estivesse apaixonado por Irene, por Dora ou pela velha.

1. Resta o mais inacreditável: a coincidência, num mesmo espaço, de um objeto e de sua imagem total.

Este fato sugere a possibilidade de que o mundo esteja constituído exclusivamente por sensações. (N. da edição original).

Estou exaltado, sou idiota. Morel ignora todas elas. Queria a inacessível Faustine. Por isso a matou, se matou com todos os seus amigos, inventou a imortalidade!

A formosura de Faustine merece essas loucuras, essas homenagens, esses crimes. Eu a neguei, por ciúmes ou por autodefesa, para não admitir a paixão.

Agora, vejo o ato de Morel como um justo ditirambo.

Minha vida não é atroz, Se abandono as in-tranqüilas esperanças de partir em busca de Faustine, posso acomodar-me ao destino seráfico de contemplá-la.

Existe esse caminho; viver, ser o mais feliz dos mortais.

Mas a condição da minha felicidade, como tudo o que é humano, é instável. A contemplação de Faus- [Página 119] tine poderia — embora eu não *possa* tolerá-lo, nem mesmo em pensamento — interromper-se: Por um enguiço nas máquinas (não sei repará-las):

Por alguma dúvida que pudesse sobrevir e arruinar este paraíso (devo reconhecer que há, entre Morel e Faustine, conversas e gestos capazes de induzir ao erro pessoas de caráter menos firme);

Pela minha própria morte.

A verdadeira vantagem da minha solução é que faz da morte o requisito e a garantia da eterna contemplação de Faustine.

Estou a salvo dos intermináveis minutos necessários para preparar a minha morte num mundo sem Faustine; estou a salvo de uma interminável morte sem Faustine.

Quando me senti disposto, liguei os receptores de atividade simultânea.

Ficaram gravados sete dias. Representei bem: um espectador desprevenido pode imaginar que não sou um intruso. Ê é resultado natural de uma trabalhosa preparação: quinze dias de contínuos ensaios e estudos. Incansavelmente, repeti cada um dos meus atos. Estudei o que Faustine diz, suas perguntas e respostas; muitas vezes, intercalo com habilidade alguma frase; parece que Faustine me responde. Nem sempre a sigo; conheço os seus movimentos e costume andar à frente. Espero que, de modo [Página 120] geral, demos a impressão de amigos inseparáveis, de nos entendermos sem necessidade de falar.

A esperança de suprimir a imagem de Morel me perturbou. Sei que é uma idéia inútil. Não obstante, ao escrever estas linhas, sinto o mesmo empenho, a mesma perturbação. Vexou-me a dependência das imagens (principalmente, de Morel com Faustine). Agora, não: penetrei nesse mundo; já não se pode suprimir a imagem de Faustine sem que a minha desapareça. Alegra-me também depender — e isto é mais estranho, menos justificável — de Haynes, de Dora, de Alec, de Stoever, de Irene *etc.* (do próprio Morel!).

Substituí os discos; as máquinas projetarão, eternamente, a nova semana.

Uma incômoda consciência de estar representando tirou-me a naturalidade, nos primeiros dias; venci-a; e, se a imagem tem — como creio —

os pensamentos e os estados de espírito dos dias de exposição, o gozo de contemplar Faustine será o meio em que viverei na eternidade.

Com incansável vigilância, mantive o espírito livre de inquietações.

Procurei não investigar os atos de Faustine; esquecer os ódios. Terei a recompensa de uma eternidade tranqüila; mais, ainda: cheguei a sentir a duração da semana.

Na noite em que Faustine, Dora e Alec entram no quarto, contive triunfalmente os nervos. Não procurei averiguar nada. Agora, sinto-me levemente aborrecido por ter deixado esse ponto sem esclarecer. Na eternidade, não lhe dou importância. [Página 121]

Quase não senti o processo da minha morte; começou nos tecidos da mão esquerda; não obstante, progrediu muito; o aumento do ardor é tão paulatino, tão contínuo, que não o noto.

Estou perdendo a vista. O tato é, agora, impraticável; cai-me a pele; as sensações são ambíguas, dolorosas; procuro evitá-las.

Diante do biombo de espelhos, fiquei sabendo que estou imberbe, calvo, sem unhas, levemente rosado. As forças diminuem. Quanto à dor, tenho uma impressão absurda: parece-me que aumenta, mas que a sinto menos.

A persistente, a ínfima ansiedade pelas relações de Morel com Faustine preserva-me de atender à minha destruição; é um efeito inesperado e benéfico.

Desgraçadamente, nem todas as minhas cavilações são tão úteis: há —

apenas na imaginação, para preocupar-me — a esperança de que toda a minha doença seja uma vigorosa auto-sugestão; que as máquinas não façam mal; que Faustine viva e que, dentro em pouco, eu vá procurá-la; que nos ríamos juntos destas falsas vésperas da morte; que cheguemos à Venezuela; a outra Venezuela, porque, para mim, tu és, Pátria, os senhores do governo, as milícias com fardas de aluguel e pontaria mortal, a perseguição unânime na auto-estrada para La Guayra, nos túneis, na fábrica de papel de Maracay; mesmo assim, te amo e, da minha dissolução, muitas vezes te saúdo: és também os tempos de *El Cojo Ilustrado*: um grupo de homens (e eu, um rapaz, atônito, respeitoso) gritados por Orduño, das oito às nove da manhã, melhorados [Página 122]

pelos versos de Orduño, desde o Panteão até o café de Roca Tarpeya, no número 10, aberto e desfeito bonde, fervorosa escola literária. És o pão caçabe, grande

como um escudo e livre de insetos. És a inundação nas planícies, com touros, éguas, tigres arrastados urgentemente pelas águas. E tu, Elisa, entre tintureiros chineses, em cada recordação mais parecia a Faustine; disseste-lhes que me levassem para a Colômbia e atravessamos o páramo quando estava ge-lado; os chineses cobriram-me com folhas ardentes e peludas de urtiga, para que não morresse de frio; enquanto contemplar Faustine, não te esquecerei — e eu, que julguei que não te amava! E a Declaração da Independência, que nos lia, todos os 5 de julho, na sala elíptica do Capitólio, o imperioso Valentín Gómez, enquanto nós — Orduño e seus discípulos —, para vexá-lo, reverenciávamos a arte no quadro de Tito Sales, "O General Bolívar atravessa a fronteira da Colômbia"; não obstante, confesso que, depois, quando a banda tocava *Gloria al bravo pueblo // (que el yugo lanzó // la ley respetando // la virtud y el honor)*, não podíamos reprimir a emoção patriótica, a emoção que ora não reprimo.

Mas a minha férrea disciplina derrota incessantemente estas idéias, comprometedoras da calma final.

Ainda vejo a minha imagem era companhia da de Faustine. Esqueço-me de que é uma intrusa; um espectador desprevenido poderia julgá-las igualmente enamoradas e preocupadas uma com a outra. Talvez este parecer exija a debilidade dos meus olhos. De qual- [Página 123] quer maneira, consola morrer assistindo a um resultado tão satisfatório.

Minha alma ainda não passou para a imagem senão eu teria morrido, teria deixado de ver (talvez) Faustine, para estar com ela numa visão que ninguém recolherá.

A pessoa que, baseando-se nestas informações, inventar uma máquina capaz de reunir as presenças desagregadas, farei uma súplica: Procure-nos, a Faustine e a mim, faça-me penetrar no céu da consciência de Faustine. Será um ato piedoso. [Página 124]

Este livro foi impresso na

Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luis, 100 - Petrópolis - RJ

em agosto de 1986

para a Editora Rocco Ltda.

A INVENÇÃO DE MOREL

“Perfeito.” É assim que, no belíssimo prefácio que escreveu para o livro, Jorge Luis Borges qualificou *A invenção de Morel*. Com este romance — considerado sua obra-prima, e com o qual se projetou internacionalmente como um dos grandes prosadores da literatura argentina —, Adolfo Bioy Casares apresentou um gênero novo, marco do que se costuma hoje chamar de “realismo fantástico”. A história é uma fusão original e fascinante de elementos de várias tendências literárias: o enredo atraente dos romances de aventura, a criatividade da ficção científica, a plausibilidade e o rigor da narrativa das novelas policiais e a profundidade dos romances psicológicos. O autor mantém o leitor envolvido na trama perfeita, na teia ou labirinto em que também estão os personagens. A leitura se desenvolve como um jogo, regida pela “imaginação racionada” e pelo grande poder de sugestão desta criação magistral de Bioy Casares.

Recco



Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

[http://groups-beta.google.com/group/Viciados em Livros](http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>